



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Novos Usos dos Cine Teatros Proposta de Reabilitação em Alcácer do Sal

Ana Beatriz Soares Geraldo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientadora: Prof. Doutora Inês Daniel de Campos

Covilhã, fevereiro de 2018

Agradecimentos

A realização da presente dissertação não seria possível sem a colaboração e apoio de várias pessoas e entidades. Sendo assim, agradeço:

À minha orientadora, a professora Inês de Campos, pela confiança, pronta disponibilidade e compreensão que se tornaram essenciais no cumprimento de objetivos.

Aos que prontamente se disponibilizaram a colaborar com informações tão necessárias para a elaboração desta dissertação, como o Srº José Raimundo Noras na partilha de conhecimentos sobre o arquiteto Amílcar Pinto, o Srº Joe Palmela da imobiliária J.Palmela por me ter possibilitado a visita ao Cine Teatro de Alcácer do Sal; à Câmara Municipal de Alcácer por disponibilizar a planta da área envolvente ao Cine Teatro e ao arquiteto Paulo Sousa pela partilha de imagens antigas e documentação referentes ao Cine Teatro.

Aos amigos, aos que foram família longe da família, aos de sempre, aos novos, aos que fizeram parte do meu percurso e que, direta ou indiretamente, me motivaram a fazer sempre mais e melhor.

Ao Daniel por todo o companheirismo, amizade, amor e cumplicidade, que me ajuda a ver o lado bom de tudo e a acreditar em mim.

À minha família pelo apoio incondicional, compreensão e motivação, em especial à minha avó Clarinha que sempre me apoiou e acompanhou nas minhas escolhas.

E por fim, mas não menos importantes, aos meus pais pelo carinho, apoio, paciência e por todas as oportunidades que me possibilitaram ter, sem eles não seria quem sou hoje.

Resumo

A evolução Tecnológica, a Globalização e o fácil e rápido acesso a conteúdos da comunicação, via internet e televisão, no decorrer dos anos, tem vindo a alterar os hábitos e costumes da sociedade. Perante um conjunto de novas necessidades e mentalidades da população, cai em desuso a utilização de alguns equipamentos públicos para diversão, convívio e lazer, como é o caso dos Cine Teatros. Com estas alterações no modo de viver a cidade e a relação com o lugar (construído ou não), muitos dos equipamentos socioculturais, hoje caracterizados como património português, estão ao abandono e em constante degradação.

Os Cine Teatros, caso de estudo nesta dissertação, surgiram como resposta aos interesses sociais e culturais da sociedade do séc. XX que, atualmente deixaram de ter a mesma relevância e uso. Deste modo, é necessário olhar para estes ilustres edifícios, analisar a sua história, memória e funções e adaptá-los a esta nova realidade, propondo Novos Usos em função da relação com a cidade, tentando reestruturar a vivência deste património. É importante que a resposta arquitetónica para estes edifícios seja funcional, com espaços multifuncionais e adequados às exigências atuais, respeitando a sua época arquitetónica, para que o reabilitar destes equipamentos mantenha a memória do que foram e que estes possam proporcionar novas vivências para a população atual.

Assim, esta dissertação tem como objetivo a análise/compreensão do surgimento destes equipamentos e suas influências na sociedade e nas cidades. As causas para que tenham deixado de ser utilizados e conseqüente degradação, assim como estudar os Novos Usos para estes edifícios, de modo a devolvê-los às cidades com novos programas funcionais. Pretende-se ainda, elaborar uma proposta de reabilitação para o Cine Teatro de Alcácer do Sal.

Palavras-chave

Cine Teatro; Reabilitação; Cultura; Lazer; Alcácer do Sal

Abstract

The technological evolution, the globalization and the quick and easy access to communication contents, by internet and television, over the years, changed the habits and customs of society. Faced with a set of new needs and mentalities in population, the use of some public equipment for entertainment, conviviality and leisure, such as Movie Theatres, falls into disuse. With these changes in the way of living the city and the relationship with the place (build or not), many of the socio-cultural equipment, now characterized as Portuguese heritage, are abandoned and degraded.

The Movie Theatres, a study case in this dissertation, emerged as a response to the social and cultural interests of the 20th century society that, nowadays, no longer have the same relevance and use. In this way, it's necessary to look at these illustrious buildings, analyse their history, memories and functions and adapt them to this new reality, proposing New Uses, in function of the relation with the city, trying to restructure the experience of this patrimony. It's important that architectural response to these kind of buildings can be functional, creating multifunctional spaces and adapted that to the current requirements, respecting their architectural period, in order to that rehabilitation of these equipment keep the memory of what it was and provide new experiences for the population of today.

Therefore, the main objective of this dissertation is analyse/understand the emergence of these kind of equipment and the influences in the society and in the cities. The causes for them are no longer used and consequent degradation, as well, study the New Uses for these buildings in order to return them to them cities with new functional programs. It's also intended to prepare a rehabilitation proposal for the Movie Theatre in Alcácer do Sal.

Keywords

Movie Theatre; Rehabilitation; Culture; Recreation; Alcácer do Sal

Índice

Introdução	1
I. Objetivos	1
II. Metodologia	2
1. Os Cine Teatros na/para a Sociedade e Cidade	3
1.1. O Cinema e a Sociedade	3
1.2. Influência dos Cine Teatros na Malha Urbana	6
1.3. Causas para o Abandono dos Cine Teatros	8
1.3.1. A Televisão	8
1.3.2. As Salas de cinema nos Novos Centros Comerciais	10
1.3.3. A Internet	13
2. Novos Usos dos Cine Teatros	15
2.1. Os Novos Cine Teatros em Portugal	15
2.1.1. Cine Teatro Capitólio, Lisboa	16
2.1.2. Cine Teatro Ribatejo (Cartaxo)	20
2.1.3. Cine Teatro Amarante	22
2.2. Novos Usos: Programa, Função e Dinamismo	24
3. Cine Teatro de Alcácer do Sal	27
3.1. Alcácer do Sal - História e Cultura	27
3.2. Amílcar Pinto: um arquiteto português do século XX	34
3.2.1. Percurso bibliográfico	34
3.2.2. Obras de Amílcar Pinto	36
3.3. Cine Teatro de Alcácer do Sal	47
4. Novos Usos: Proposta de Reabilitação do Cine Teatro de Alcácer do Sal	55
4.1. Memória Descritiva e Justificativa	55
4.1.1. Enquadramento	55
4.1.2. Metodologia/Conceito/Estratégia	56
4.1.3. Programa	59
4.1.4. Funcionamento/Percursos	64
4.1.5. Soluções Construtivas	68
Conclusões	71
Referências Bibliográficas	73
Anexos	77

Lista de Figuras

Figura 1 - Real Coliseu da Rua de Palma, Lisboa.	3
Figura 2 - Cinema Ideal na Rua do Loreto, Lisboa - vistas da fachada principal	4
Figura 3 - Dia da apresentação experimental da televisão na Feira Popular de Lisboa, Palhavã	8
Figura 4 - Fachada do Centro Comercial Apolo 70, em Lisboa.	12
Figura 5 - Lateral Sul do Cine Teatro Capitólio (projeto original)	16
Figura 6 - Entrada Principal do Cine Teatro Capitólio (projeto original)	16
Figura 7 - Entrada Principal do Cine Teatro Capitólio (após remodelação em 1935)	16
Figura 8 - Palco do Cine Teatro Capitólio	17
Figura 9 - Terraço do Cine Teatro Capitólio nos anos 30	17
Figura 10 - Maquete da proposta do Arquiteto <i>Frank Gehry</i> para o Parque Mayer	18
Figura 11 - Fachada Principal do Cine Teatro Capitólio, após reabilitação	19
Figura 12 - Sala de espetáculos do Cine Teatro Capitólio, após reabilitação	19
Figura 13 - Maquete do projeto de reabilitação para o Cine Teatro Capitólio, pelo arquiteto Souza Oliveira (Fachada Poente/Norte; Fachada Nascente/Norte; Perspetiva Salão/Praça, respetivamente)	20
Figura 14 - Sala principal do Centro Cultural do Cartaxo	20
Figura 15 - Aspeto exterior do Centro Cultural do Cartaxo	20
Figura 16 - Plantas piso -1, piso 0, piso 1 e piso 2 do Centro Cultural do Cartaxo, respetivamente	21
Figura 17 - Secções do edifício Centro Cultural do Cartaxo	21
Figura 18 - Cine Teatro Amarante	22
Figura 19 - Pormenor da fachada principal do Cine Teatro Amarante	22
Figura 20 - Proposta vencedora para o Cine Teatro Amarante, vista exterior	23
Figura 21 - Proposta vencedora para o Cine Teatro Amarante, sala de espetáculos	23
Figura 22 - Painéis da proposta vencedora ao concurso do Cine teatro Amarante	23
Figura 23 - Localização geográfica do concelho de Alcácer do Sal e suas respetivas freguesias	27
Figura 24 - Alcácer do Sal, vista da margem sul do Rio Sado	28
Figura 25 - Castelo de Alcácer do Sal, atual Pousada D. Afonso II, vista da margem sul do Rio Sado	28
Figura 26 - Castelo de Alcácer do Sal, atual Pousada D. Afonso II	29
Figura 27 - Entrada para a Pousada D. Afonso II e entrada para a Igreja de Nossa Senhora de Aracoeli (entrada situada à direita na imagem)	30
Figura 28 - Igreja da Misericórdia	31
Figura 29 - Santuário do Senhor dos Mártires	31
Figura 30 - Igreja de Santo António, Convento dos Frades	31
Figura 31 - Igreja de Santa Maria do Castelo	31
Figura 32 - Igreja de Santiago	32
Figura 33 - Igreja de Santiago, vista da margem sul do rio Sado	32
Figura 34 - Torre do Relógio	32
Figura 35 - Fontanário do Chafariz	32
Figura 36 - Solar dos Salemas (atual Biblioteca Municipal), entrada principal	33
Figura 37 - Ponte Metálica	33
Figura 38 - Amílcar Pinto	34
Figura 39 - Moradia onde terá nascido Amílcar Pinto	34
Figura 40 - Colégio São Fiel	34
Figura 41 - Escola Primária de Vila Verde de Ficalho	35
Figura 42 - Escola Primária das Azenhas do Mar	35
Figura 43 - Fachada principal, Casa para o Sr. Arnaldo Teixeira, na Quinta do Corjes	37
Figura 44 - Palacete para o Sr. António Palma, em Beja	37
Figura 45 - Alçado Principal de casa para Francisco Romana, em Beja	37
Figura 46 - Casa para Francisco Romana, em Beja	37
Figura 47 - Artigo com projecto de Amílcar Pinto na revista francesa “Comment construire sa maison “	38

Figura 48 - Aspeto do Grande Hotel de São Pedro do Sul	39
Figura 49 - Projeto para Grande Casino nas Termas de São Pedro do Sul	39
Figura 50 - Projeto para o Grande Hotel nas Termas de São Pedro do Sul	39
Figura 51 - Fachada Principal do atual INATEL Palace São Pedro do Sul	40
Figura 52 - ISEG (antiga Emissora Nacional)	40
Figura 53 - Interiores da Emissora Nacional	40
Figura 54 - Estação de Correios, Telégrafos e Telefones de Ponte de Lima	41
Figura 55 - Planta do Projeto para a Estação dos CTT de Ponte de Lima	41
Figura 56 - Estação dos CTT de Santarém em 1978	42
Figura 57 - Aspeto atual da Estação dos CTT de Santarém	42
Figura 58 - Antiga Estação dos CTT do Fundão	42
Figura 59 - Estação dos CTT de Viseu em Construção	43
Figura 60 - Aspeto atual da Estação dos CTT de Viseu	43
Figura 61 - Planta do Projeto para a Estação dos CTT de Viseu	43
Figura 62 - Fachada Principal do Projeto para a Estação dos CTT de Viseu	43
Figura 63 - Teatro Rosa Damasceno, em Santarém	44
Figura 64 - Janela cilíndrica do Teatro Rosa Damasceno	44
Figura 65 - Cine Teatro de Almeirim	45
Figura 66 - Cine Teatro de Almeirim Após intervenção	45
Figura 67 - Teatro Cine de Gouveia	46
Figura 68 - Plateia do Teatro Cine de Gouveia	46
Figura 69 - Alçado Lateral direito do projeto para o Teatro Cine de Gouveia	46
Figura 70 - Alçado Principal do projeto para o Teatro Cine de Gouveia	46
Figura 71 - Esquema de proximidades	48
Figura 72 - Desenho do Alçado Principal existente do Cine Teatro de Alcácer do Sal	49
Figura 73 - Desenhos dos Alçados Nascente e Poente do Cine Teatro de Alcácer do Sal, respetivamente	49
Figura 74 - Desenho do Alçado Tardoz existente do Cine Teatro de alcácer do Sal	49
Figura 75 - Cine Teatro de Alcácer do Sal	50
Figura 76 - Existente. Planta do piso 0 do Cine Teatro de Alcácer do Sal	51
Figura 77 - Hall da Sala de Espetáculos	51
Figura 78 - Sala de Espetáculos	51
Figura 79 - Existente. Planta do piso 1 do Cine Teatro de Alcácer do Sal	52
Figura 80 - Salão	52
Figura 81 - Foyer, Piso 1	52
Figura 82 - Vista para o 1º e 2º Balcão	52
Figura 83 - Existente. Planta do piso 2 do Cine Teatro de Alcácer do Sal	53
Figura 84 - Acesso para o piso 2	53
Figura 85 - Sala de arrumos	53
Figura 86 - Cabine de projeção	53
Figura 87 - Corte Longitudinal A-A', Cine Teatro de Alcácer do Sal	54
Figura 88 - Corte Transversal B-B', Cine Teatro de Alcácer do Sal	54
Figura 89 - Vista do interior do Cine Teatro de Alcácer do Sal	57
Figura 90 - Vista do Palco e Fosso de orquestra do Cine Teatro de Alcácer do Sal	57
Figura 91 - Cobertura da zona de camarins do Cine Teatro de Alcácer do Sal	57
Figura 92 - Esquema de prolongamento e adição de volumes	58
Figura 93 - Esquiços do estudo de fachada nascente e volumetria da proposta	58
Figura 94 - Vista do cine Teatro de Alcácer do Sal em 1950 e em 2017, respetivamente	58
Figura 95 - Esquiços de estudo de fachadas, Tardoz e Poente, respetivamente	59
Figura 96 - Esquema base de divisão do Programa	59
Figura 97 - Esquema/Esquiço para tornar a Sala de Espetáculos em Sala Polivalente	60
Figura 98 - Diagrama Funcional - Palco	61
Figura 99 - Esquiço da abertura na sala de espera/convívio para a sala de espetáculos/polivalente	61
Figura 100 - Esquema de entradas no edifício	65
Figura 101 - Esquema de Circulação de entradas e saídas da Sala de Espetáculos	66
Figura 102 - Esquema de Circulação da Restauração	66
Figura 103 - Esquema de Circulação dos Serviços	67
Figura 104 - Esquema de Circulação do Semipúblico	68
Figura 105 - Pormenor construtivo <i>Louvre Lens</i> , França - SANAA	69

Figura 106 - Vista interior do <i>Louvre Lens</i>	69
Figura 107 - Vista exterior e Pormenores da fachada, respetivamente, do <i>Louvre Lens</i> , França	69

Lista de Tabelas

Tabela 1 - População de Lisboa	6
Tabela 2 - Resumo dos espaços por piso	63
Tabela 3 - Áreas Totais das diferentes tipologias do programa	64

Lista de Acrónimos

AHFPC	Arquivo Histórico da Fundação para as Comunicações
ARPA	<i>Advanced Reasearch Project Agency</i>
ARPANET	<i>Advanced Reasearch Project Agency Network</i>
CCC	Centro Cultural do Cartaxo
CML	Câmara Municipal de Lisboa
CNE/CTT	Comissão para os Novos Edifícios dos Correios, Telégrafos e Telefones
CTT	Correios, Telégrafos e Telefones
DGS	Direção Geral de Saúde
EBAL	Escola de Belas Artes de Lisboa
EN	Emissora Nacional
GNR	Guarda Nacional Republicana
IGAC	Inspeção Geral de Atividades Culturais
IHRU	Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana
INE	Instituto Nacional de Estatística
ISEG	Superior de Economia e Gestão
MOP	Ministério de Obras Públicas
PDM	Plano Diretor Municipal
RNTC	Rede Nacional de Teatros e Cineteatros
RTP	Rádio e Televisão de Portugal
WMF	<i>World Monuments Fund</i>

Introdução

O tema “Novos Usos dos Cine Teatros” surge como forma de apropriar a arquitetura dos Cine Teatros, espaços de carácter tanto social como cultural com grande relevância na sociedade do início do séc. XX, aliando a memória do lugar à inovação com a introdução de conceitos, métodos e estratégias de desenvolvimento para as novas formas de usar o espaço.

Pensar numa arquitetura clara e versátil, preservando as vivências e valores culturais, torna-se fundamental numa sociedade cada vez mais virada para a sensibilização da conservação do património arquitetónico. É necessário dar resposta à realidade onde estes se inserem e tornar a arquitetura mais próxima e integrada na sociedade atual.

Ainda que o teatro fosse a mais importante forma de lazer para a sociedade do séc. XIX, com o decorrer dos anos começaram a surgir novas atividades culturais, que levaram a população a cobiçar a nova e inovadora arte cinematográfica. Surgindo, assim, a necessidade de construir novos equipamentos aptos para albergar o cinema, sem esquecer o teatro, por isso era necessário que esses novos equipamentos incorporassem ambas as atividades. Deste modo surgem os Cine Teatros, equipamentos que entretanto, entraram em declínio devido a uma série de fatores que foram surgindo, fruto da evolução do ser humano e da tecnologia que revelaram uma grande capacidade de alterar a forma como se vive a sociedade.

Como forma de fortalecer e testar conhecimentos, decidiu-se elaborar uma proposta de reabilitação do Cine Teatro de Alcácer do Sal, com o intuito de propor novas formas para o uso deste equipamento que se encontra ao abandono e em degradação constante.

I. Objetivos

Um dos principais objetivos prende-se com a elaboração de uma proposta para um edifício concreto que seja considerada como uma hipótese válida para a revitalização dos Cine Teatros. Uma proposta que salguarde a função original, mas possibilite novos usos e a adaptabilidade das diferentes formas culturais.

Pretende-se enquadrar o edifício no contexto urbano e entender de que forma uma intervenção arquitetónica pode, para além de salguardar o património construído e preservar memórias, envolver-se no contexto social e urbano da cidade em constante metamorfose.

Pretende-se ainda, elaborar uma contextualização histórica e urbana dos Cine Teatros, do Cine Teatro de Alcácer do Sal e sua envolvente.

Entre o entendimento de conceitos e a proposta de reabilitação do Cine Teatro de Alcácer, pretende-se analisar exemplos e conceitos que sustentem o desenvolvimento da temática. Analisando transformações que equipamentos deste tipo sofreram no território nacional, os seus programas, mantidos ou renovados, com o intuito de analisar as soluções de revitalização que se têm optado para este tipo de equipamentos. Assim como compreender conceitos *cruciais para que um equipamento desta natureza se mantenha ativo*.

II. Metodologia

A presente dissertação respeita uma metodologia de acordo com os seguintes capítulos:

I Abordagem Contextual: Compreender o momento temporal em que os Cine Teatros surgiram e o impacto social e urbano que estes provocaram na sociedade. Assim como o porquê do abandono destes equipamentos que levaram à sua decadência;

II Abordagem Conceptual: Analisar exemplos nacionais e conceitos que fundamentam a temática apresentada: novos usos para que os Cine Teatros se reintegrem nas cidades com o intuito de preservar a cultura e as vivências locais;

III Abordagem Local: Contextualizar o local e o arquiteto do Cine Teatro de Alcácer do Sal, bem como o existente do mesmo.

IV Proposta: Apresentação da proposta de reabilitação para o Cine Teatro de Alcácer do Sal, com base na informação consolidada na pesquisa e no levantamento arquitetónico efetuado. Acompanhada por suporte prático, Anexos, que auxilia a compreensão da proposta.

Capítulo I

1. Os Cine Teatros na/para a Sociedade e Cidade

1.1. O Cinema e a Sociedade

Durante o século XIX a grande atividade de lazer era o teatro, que conseqüentemente, após a construção do Teatro D. Maria II, em Lisboa (1846), resultou na difusão de edifícios para esse efeito por todo o território. Porém, historicamente conhecidos como os grandes fundadores da 7ª arte, os irmãos *Lumière* criam a primeira máquina de filmar em 1895, impulsionando um novo entretenimento - o cinema, que em meados dos anos 20, do século XX, se tornou a distração mais cobiçada por todo o público em geral (Brás, 2011, p. 19).

Numa época em que a classe trabalhadora já tinha conquistado os seus “tempos livres”, fruto da revolução industrial, que primeiramente passam a reservar os domingos para descanso e posteriormente alcança o pagamento do período de férias. Uma vez que, até à data, ter tempo livre era sinónimo de riqueza, exclusivo da alta burguesia e nobreza (Potter, 2001, p. 21). Conseqüentemente, a classe trabalhadora deixa de passar a dedicar o seu tempo apenas a atividades ditas domésticas, mas também a atividades socioculturais, o que provocou uma conseqüente subida do nível de vida da população e formação escolar, desencadeando assim, uma maior diversidade de práticas de lazer e o progresso de novos espetáculos e bens culturais.

Apenas seis meses após a apresentação do cinematografo em Paris, em Portugal já se pôde assistir à apresentação da primeira fita no Real Coliseu da Rua de Palma, em Lisboa (Figura 1), graças ao eletricitista húngaro Edwin Rousby (Caetano M. J., 2014).



Figura 1 - Real Coliseu da Rua de Palma, Lisboa.

Fonte: Leite J. Restos de Colecção. [Online].; 2009 [cited 2016 setembro 29. Available from: <http://restosdecolecção.blogspot.pt/2015/06/real-colyseu-e-paraizo-de-lisboa.html>

Este novo espetáculo levou a que houvesse algumas alterações nos hábitos de entretenimento da sociedade, pois os tempos livres passam a ser dedicados à vida social, diversão e cultura. A ida ao cinema torna-se um “acto social e de convívio, que implicava rituais de trajar” (França, 1992), onde se exibia o traje de festa, sobretudo nos intervalos onde as pessoas se cruzavam para ver e serem vistas. Independentemente da classe social, todos mostravam desejo em ir ao cinema, tornando-se um hábito essencial do qual ninguém queria prescindir (Brás, 2011, p. 19).

Através do cinema, os espectadores passam a conhecer outras realidades, outros costumes e outros povos ainda desconhecidos pela população, tornando-se num divertimento cada vez mais atrativo, pois era capaz de mostrar e “transportar” os telespetadores a locais que, muitas das vezes, não podiam visitar. Quem assistia tinha uma perceção mais ampla da realidade, e não só, tinha também a “possibilidade de «viajar» para além do limitado mundo das suas cidades (Torgal, 2000, p. 94).

Numa época em que, em Portugal, não existia televisão, o público desenvolveu um interesse excessivo pelo entretenimento através do visionamento de obras cinematográficas. Deste modo, começaram a surgir inúmeros pedidos para a construção de espaços destinados a salas de cinema, uma vez que as primeiras fitas eram passadas de forma improvisada em garagens, salões de jogos, teatros e coliseus já existentes, que na maioria dos casos sofriam alterações para albergar a cabine de projecção. Outras vezes surgiam em espaços ambulantes nas feiras a preços económicos (Bandeirinha, 2010, p. 7), muitas das vezes não eram nada mais nada menos que barracões, sem as mínimas condições. No entanto, empresários da projecção cinematográfica, grupos especializados e fotógrafos impulsionam a criação dos primeiros espaços dedicados ao cinematografo (Silva S. C., 2010). O cinema Ideal, localizado num salão na Rua do Loreto em Lisboa (Figura 2), torna-se na primeira sala com instalação de projecções cinematográficas.



Figura 2 - Cinema Ideal na Rua do Loreto, Lisboa - vistas da fachada principal

Fonte: Ruivo C. Casa da Imprensa. [Online].; 2012 [cited 2016 setembro 29. Available from: <http://www.casadaimpresa.pt/?p=1930>

No entanto, o aparecimento do som veio exigir novas condições técnicas que consequentemente suscitava a necessidade de um espaço adequado a estas novas funções. Primeiramente começaram a ser feitas algumas intervenções de forma improvisada nos salões de jogos, salas de projeção, chegando até às grandes salas destinadas ao teatro, onde este tipo de intervenções foi mais comum (Fernandes J. M., 1995, p. 8). Muitas das vezes destinavam-se únicas e exclusivamente à nova atividade, desencadeando uma alteração na respetiva nomenclatura interior do edifício, como é o caso dos teatros S. Luís e Ginásio, em Lisboa, que devido a esta mudança, passaram a designar-se como S. Luís Cine e Cine Ginásio. Também no Porto o mesmo sucedeu com o teatro S. João que passou a ser designado por S. João Cine (Brás, 2011, p. 19).

Contudo, houve necessidade de construir espaços especializados, por exigência do público e também pela regulamentação que começou a surgir em 1913, relativa à segurança dos estabelecimentos cinematográficos. Esta nova regulamentação vem estabelecer regras e normas que abrangem tanto as instalações elétricas como as medidas previstas em caso de incêndio, tendo em conta que a cabine de projeção era um local de risco, pois as fitas eram feitas à base de nitrato de celulose que é altamente inflamável (Seabra, 2016, p. 209).

Uma vez que passa a ser obrigatório responder a inúmeras condições para se obter uma licença (Oliveira, 2013, p. 33), as adaptações de teatros eram dispendiosas e não eram suficientes para satisfazer as exigências do público. Surgiram então, vários pedidos para a construção de novos equipamentos com as devidas condições, respeitando as novas regras impostas. Estes mesmos pedidos foram filtrados para um conjunto de requisitos, para que se pudesse tirar partido destas futuras intervenções com o intuito de criar espaços mais diversificados que albergassem tanto o cinema como outro tipo de atividades, como é o caso das peças de teatro, os musicais, a dança, concertos, etc. É então que se desenvolve, através de investidores que desejavam trazer o cinema para a sua terra, inúmeros edifícios de grandes dimensões, com todas as condições necessárias para albergar todas estas artes. “Se, por um lado, estas medidas restringiram de sobremaneira a possibilidade de proliferação de salas dedicadas ao cinema, por outro lado conseguiram dotar o país com uma rede consideravelmente vasta e equilibrada de edifícios cujo espaço, equipamentos e funcionalidades lhes permitia assumir-se como verdadeiros polos de representação de centralidades locais - os cine-teatros” (Silva S. P., 2010, p. 24).

Porém, a construção destes equipamentos teve algumas dificuldades em conjugar programas distintos a que se proponham, de modo a que coexistissem no mesmo espaço, como é o caso do cinema e teatro. Deste modo, contruía-se um cinema com palco, caixa de palco, tela, pano de ferro, foço de orquestra e camarins (Silva S. C., 2010, p. 34). Mas, a maior dificuldade prendia-se com a organização dos lugares. Pois no cinema, os melhores lugares eram os das últimas filas, em que a visibilidade para o ecrã não sofria deformações, ao contrário dos lugares das filas da frente em que tinham a visibilidade condicionada devido à proximidade do ecrã. Estes últimos eram reservados às classes mais desfavorecidas e consequentemente eram mais baratos. Enquanto no teatro, a situação invertia-se, pois os espectadores preferiam as filas

mais próximas do palco. Deste modo, os lugares mais baratos eram os das últimas filas, mais distantes do palco. Assim, os melhores lugares não se mantinham fixos porque dependiam do espetáculo que se ia assistir. Nota-se assim, uma afirmação clara da distinção entre classes sociais, verificando-se até espaços distintos para as mesmas funções, ou seja, diferentes zonas da mesma sala possuem o seu próprio *foyer*, bar e instalação sanitária (Brás, 2011, p. 19).

Vários equipamentos deste tipo são contruídos nesta época um pouco por todo o território, inicialmente nas grandes cidades, mas logo de seguida nas cidades província. Rapidamente os Cine Teatros ganham uma certa independência e escala, capazes de atrair multidões para os seus espetáculos, passando o cinema a ser reconhecido como o “espetáculo urbano por excelência” (Fernandes J. M., 1995, p. 8). A difusão destes equipamentos culturais dependia da importância da localidade, número de habitantes, turistas e frequência e número de espetáculos realizados. Apesar das contrapartidas que este tipo de equipamentos exigia, como a sua construção e manutenção, a obrigatoriedade da sua edificação introduziu uma nova tipologia que se afirmou pela sua diversidade e permanência (Silva S. C., 2010, p. 22).

1.2. Influência dos Cine Teatros na Malha Urbana

Apesar de tardia (segunda metade do século XIX) e principalmente concentrada nas cidades Lisboa e Porto, a revolução industrial provocou uma explosão de população nas cidades e uma despovoação nos campos, o que levou a uma drástica transformação da cidade. Este facto levou a um crescimento populacional e habitacional nas cidades e, inevitavelmente, a alguns problemas nas mesmas, pois as estruturas e infraestruturas urbanas existentes não conseguiam acompanhar o ritmo das inúmeras alterações que o aumento da população provocava (Tietz, 1998). (Tabela 1)

Tabela 1 - População de Lisboa

Anos	1864	1878	1890	1900	1911
População	163 763	187 404	301 206	350 919	435 359

Fonte: Recenseamento da população. Lisboa, INE

Houve uma aceleração natural no processo de urbanização em Portugal, muito mais visível na capital, em que começam a surgir elementos de prestígio nacional onde o urbanismo e a arquitetura deram o seu contributo (Pinheiro & Vaz, 2009, pp. 84-85). Apesar de ser uma área recente, o urbanismo tem uma longa tradição, pois já na Antiguidade, assim que surgiram as primeiras aglomerações urbanas, se começou a estudar a melhor forma para a organização e estruturação arquitetónica destes mesmos espaços (Teixeira, 1993).

Devido ao seu grau de inovação e relação com movimentos passados, o modernismo português é um importante período na História da Arquitetura Portuguesa do século XX, na redescoberta e revalorização de materiais e técnicas construtivas, tornando-se mais rica e variada (Fernandes

J. M., 2003, p. 7). Os Cine Teatros podem ser considerados como tipologias funcionais herdeiras do modernismo dos anos 20 e 30, pois foram criados numa perspetiva inovadora de rotura de arquiteturas do passado e ligadas ao progresso mecânico e industrial do século XX. Nos anos 40 e 50 são sujeitos a uma espécie de metamorfose, uma vez que lhes são aplicados uma serie de sistemas formais revivalistas¹.

Este tipo de equipamentos destinados ao cinema e espetáculo começaram a ser contruídos numa pequena frente urbana, muitas das vezes situados em gavetos ou entre edifícios, notando-se uma grande vontade de centralização, pois localizam-se próximos de outros equipamentos públicos de forma a concentrá-los nas suas proximidades e organizando-se num espaço amplo com o objetivo de se destacarem entre os mesmo e funcionar como elemento de referência na malha urbana. Eram capazes de definir quarteirões e eram tidos como equipamentos de prestígio de caracter social, cultural e educativo.

Nas grandes cidades ocupavam os polos centrais, nas cidades médias e de províncias, as salas de teatro eram adaptadas para cinema. Passam assim, desde cedo, a ter uma grande importância na malha urbana, uma vez que acartavam uma forte componente social e também urbana, tornando-se numa referência na cidade.

A importância dos Cine Teatros na sociedade verifica-se pela sua própria lotação, pois mesmo fora das capitais de distrito, rondavam muitas das vezes os 1000 lugares para, segundo legisladores “servir toda a população (...) de uma pequena vila, ou de uma cidadezinha local” (Fernandes J. M., 2010, p. 26).

Segundo *Anton Capitel*, os Cine Teatros vêm modernizar a “arquitetura eclesiástica”, uma vez que, o conceito formal de espaço único entre Igrejas e Cine Teatros é o mesmo, em que a luz natural é o elemento que distingue e distancia o conceito entre as duas tipologias, que pode ser confirmado através da representação em planta e corte destes dois espaços. Contudo, segundo o autor, ambas as tipologias se enquadram de forma similar com a malha urbana da cidade antiga, do ponto de vista urbano, embora o Cine Teatro demonstrasse uma linguagem mais recente e moderna, estes equipamentos afirmavam-se como elementos pontuais e monumentais na cidade. *Anton* acrescenta ainda que os Cine Teatros e as Igrejas se aproximam pelo seu respetivo uso rotineiro, uma vez que em Portugal os Cine Teatros passam a fazer parte do quotidiano da sociedade, em que as famílias continuam a ir à missa ao domingo de manhã e ao cinema e teatro à tarde (Capitel, 2001, p. 138).

¹ **Revivalismo** - conjunto de estilos arquitetónicos focados em recuperar e recriar a arquitetura de movimentos passados. Surgiu na Europa no século XVIII, mas atingiram o seu auge no século XIX chegando até meados do século XX.

1.3. Causas para o Abandono dos Cine Teatros

1.3.1. A Televisão

Ainda que em outros países já se produzissem emissões televisivas com alguma frequência, mesmo antes do início da segunda guerra mundial, em Portugal, os primeiros passos são dados em meados dos anos 50 do século XX. Mas foi apenas em Setembro do ano de 1956 que se iniciavam as primeiras experiências televisivas da Radiotelevisão Portuguesa (RTP) (Sobral, 2012, p. 145), na Feira Popular de Lisboa, em Palhavã (Figura 3).

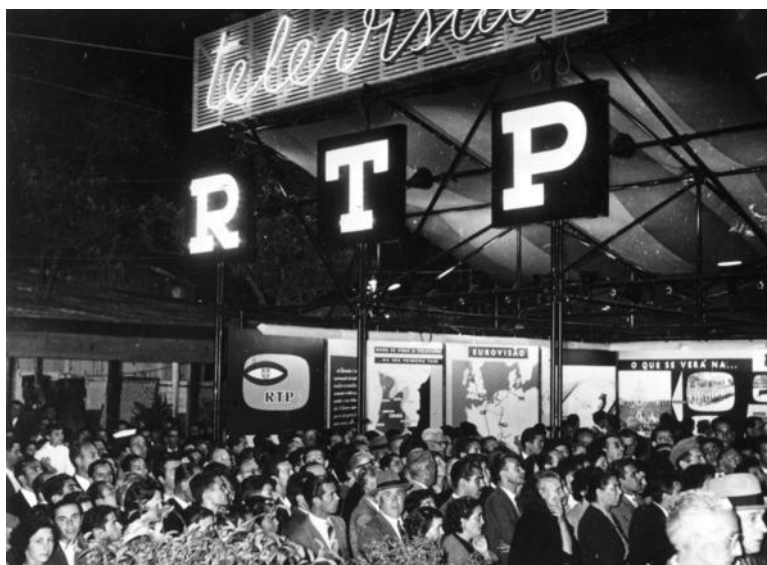


Figura 3 - Dia da apresentação experimental da televisão na Feira Popular de Lisboa, Palhavã

Fonte: Diário de Notícias. [Online].; 2015 [cited 2016 setembro 29]. Available from: <https://www.dn.pt/media/interior/primeira-demonstracao-do-aparato-que-dava-imagens-foi-ha-90-anos-4999697.html>

Apresentava-se assim, nesta fase experimental, uma programação baseada em filmes, música e revistas filmadas (Santos, 2007, p. 84). Dois aspetos fundamentais marcaram desde cedo a emissora pública portuguesa, a intervenção do Estado e também a inclusão da publicidade², aspetos esses que se mantêm até à atualidade e que condicionaram historicamente o perfil do canal (Torres, 2011).

Contudo, as emissões regulares e oficiais via televisiva ocorreram apenas a 7 de março do ano seguinte (1957), num contexto político de ditadura. Estávamos perante um serviço televisivo controlado pelo Estado, que condicionou fortemente a atividade da RTP, verificou-se até ao 25 de Abril de 1974, que a televisão funcionava como “o megafone do regime salazarista-marcelista” (Torres, 2011).

² A integração da publicidade estava explícita nos estatutos que constituem a RTP (Alínea b do artigo 3º do Decreto-Lei nº 40 341 de 15 de Dezembro de 1955)

No entanto, no final dos anos 50, quase dois terços da população de todo o país ainda não possuía eletricidade, o que condicionava a possibilidade de adquirir um televisor (Caetano M. , 2009). Deste modo, locais públicos como cafés e associações, tornavam-se locais capazes de atrair um maior número de clientes por adquirirem um televisor.

Nessa época as emissões televisivas passavam a fazer, cada vez mais, parte do quotidiano da população à medida que ia abrangendo o território nacional. Captavam a atenção de famílias inteiras e rapidamente as modas e tendências transmitidas por este meio de comunicação passavam a ser reproduzidas a nível nacional (Brás, 2011).

Foi apenas em meados da década de 60 que os telespectadores que assistiam aos seus programas de eleição nos locais públicos começaram a ter possibilidade de adquirir um televisor nas suas próprias casas. Gradualmente a televisão tornava-se o meio de comunicação de eleição. Posteriormente, com a introdução da cor e outros melhoramentos, tanto na imagem como no próprio aparelho, disparou o aumento de vendas e acentuou a crise do cinema, que já se verificava.

Surgiram ainda, algumas opções para o público que não se limitava apenas aos horários televisivos estabelecidos pelos operadores, como é o caso dos videogravadores que permitia que qualquer pessoa que o adquirisse pudessem gravar e posteriormente visionar as suas próprias gravações. Havia ainda a possibilidade de aceder a uma maior variedade de programação através do aluguer de filmes em clubes de vídeo.

Todos estes fatores tiveram fortes consequências na vida social da população, pois as pessoas passam a preferir frequentar estabelecimentos que dispõem de um televisor em vez de se deslocarem das suas casas para ir ao cinema e socializar nos salões dos Cine Teatros durante os intervalos. Ou mesmo ficar em casa, caso fossem um dos privilegiados com possibilidades de obter o seu próprio televisor.

Após surgir o “segundo canal”, no final dos anos 60, a utilização de satélites passa a possibilitar a troca de programas e notícias a nível internacional e intercontinental, dando assim, à televisão, um maior impacto e influência social. O aparecimento dos programas e filmes estrangeiros aumentavam o entusiasmo dos espectadores, que os consideravam mais avançados que os nacionais. Contudo estes não eram dobrados e mesmo com legendas o analfabetismo acabava por ser um problema que, no entanto, não diminuía o interesse e entusiasmo dos telespectadores que acabavam por recorrer a alguém que traduzisse o que estava a acontecer ou apenas tentavam decifrar os enredos pelo decorrer das imagens (Torres, 2011).

O horário das emissões torna-se mais alargado obrigando a recorrer a receitas de publicidade, que conseqüentemente tornava a televisão numa indústria, uma vez que os produtos publicitados passam a ter uma maior procura por parte da população e facilmente esgotam. A

“caixa mágica” torna-se num “motor da economia” com o objetivo desesperado em obter audiências, esquecendo a cultivação do público e colocando a rentabilidade sempre em primeiro lugar. Como poderoso meio de comunicação, a televisão deveria aproveitar a sua influência e centralização social para incluir valores aos telespectadores, cultivar o público e não se preocupar apenas com números. “A TV cresceu rapidamente até se tornar o mais importante meio de comunicação em audiências e influência política, social e cultural” (Torres, 2011).

Durante mais de 30 anos os programas televisivos eram bastante condicionados, uma vez que a maior parte da sociedade era analfabeta, incapaz de interpretar as legendas de programas estrangeiros assim como programas de cultura geral. No entanto, a televisão pública assume o compromisso de traçar três objetivos educacionais: “educar, informar e entreter” (Torres, 2011).

Com o passar dos anos a televisão ganha uma grande importância para a comunicação, tornando-se um elemento fulcral para a cultura, sociedade, economia e política. Citando Marcelo Caetano, “a televisão é, nos tempos correntes, um instrumento essencial de acção política e nós não podemos hesitar na sua utilização.” (Cachinho, 1991, p. 17)

A televisão sempre teve segundos objetivos, mesmo que tenha sido criada para o povo. Segundo Nuno Brandão, “a televisão dá-nos a imagem da realidade e permite a modificação das representações do mundo”, uma vez que foi usada antes do 25 de Abril de forma a moldar a opinião da população em função do que o Estado pretendia (Brandão, 2002, p. 7).

As emissões televisivas assumiram-se como um espetáculo de fácil consumo, retirando assim, o forte protagonismo que salas de espetáculo dos Cine Teatros tinham até então.

1.3.2. As Salas de cinema nos Novos Centros Comerciais

Embora o aparecimento da televisão e respetivas emissões televisivas tenham sido um importante acontecimento para os portugueses, não foi apenas este o grande causador do declínio dos Cine Teatros, também as novas salas de cinema nos centros comerciais tiveram a sua quota parte como causa para o abandono destas salas de espetáculo.

Após a segunda guerra mundial os padrões geográficos dos estabelecimentos comerciais sofreram importantes alterações, nomeadamente a nível de dimensão, especialização e agrupamento de unidades. As formas de comércio encontravam-se em constante renovação, pois tudo se alterava, as formas de negócio, as técnicas de venda, os equipamentos e as relações empresariais (Cachinho, 1991, p. 17). Centros de comércio que se desenvolviam, tradicionalmente, em redor de uma praça e em algumas ruas, tendiam a ser substituídos por

um *centro comercial*³. Este tipo de equipamento começa a ser idealizado e surge, primeiramente, em rés-do-chão de imóveis com outras funções ou em outros espaços próprios para o efeito. Ocupam um edifício destinado a albergar um conjunto de lojas alugadas reservadas ao comércio e serviços, muitas das vezes com parques de estacionamento reservado (Salgueiro, 1989, pp. 151-152).

Até à década de 50, os centros comerciais eram de dimensões reduzidas, frequentemente a céu aberto e com reduzidos parques de estacionamento, localizavam-se perto de eixos rodoviários existentes ou de antigas zonas comerciais. No entanto, a necessidade de grandes áreas levou a que estes equipamentos passem a ser construídos fora dos centros das cidades, visto que havia mais área de implantação disponível. Consequentemente, as suas funções alteram-se, passam a ser cobertos, climatizados, decorados e com maior número de parque de estacionamento.

É na década de 70 que se verificam importantes sinais de mudança, que são o resultado do culminar da crise económica geral do *regime fordista*⁴ com a mudança de regime político em Portugal. A instalação da democracia (1974) ocorre num período de crise do capitalismo mundial, alterando radicalmente as condições socioeconómicas do país. Os salários aumentam, mas o investimento privado diminui, ou seja a produção e o crescimento económico estagna.

No entanto, entre 1975 e 1985 verifica-se uma subida do nível de vida consequente de uma profunda mudança social a nível de mentalidades, comportamentos, organização e relações na família, escola, bairros e na sociedade em geral. Esta nova abertura às inovações aleada ao aumento do rendimento das famílias e ainda aos progressos nas redes rodoviárias e crescimento da indústria automóvel, que criaram novos padrões de mobilidade, culminaram num aumento significativo do consumo, que foi obrigado a adotar novas características (Salgueiro, 1997, pp. 179-190).

Devido ao baixo poder de compra e reduzido crescimento económico, em Portugal, o primeiro centro comercial do país foi inaugurado somente em 1971, o Apolo 70 em Lisboa (Figura 4). No entanto, a difusão deste tipo de equipamento para o resto do território nacional foi bastante lenta, tendo inicialmente surgido apenas nas duas grandes cidades, Lisboa e Porto. Só a partir da década de 80 é que começou a surgir uma grande propagação da construção destes edifícios, primeiramente nas capitais de distrito.

³ Edificação que contém um conjunto de estabelecimentos de diferentes bens de consumo, prestação de serviços e lazer.

⁴ Termo criado por *Henry Ford*, refere-se aos sistemas de produção em massa e gestão.



Figura 4 - Fachada do Centro Comercial Apolo 70, em Lisboa.
Fonte: Leite J. Restos de Colecção. [Online].; 2009 [cited 2016 setembro 29].
Available from: <http://restosdecolecção.blogspot.pt/2016/09/primeiros-centros-comerciais.html>

Estes espaços apresentavam várias funções, passando a ser locais de convívio e lazer, onde as pessoas passam a fazer passeios para ver as montras, fazer refeições e ir ao cinema (Brás, 2011). Os passeios em frente às montras dos centros comerciais tornaram-se frequentes e vieram substituir os passeios de domingo pelas avenidas e as idas ao Cine Teatro onde se exibiam trajes e estatutos sociais.

As novas salas de cinemas em nada têm a ver com as salas dos Cine Teatros, a sua estrutura alterou-se por completo. Os espaços de convívio desaparecem e passa a haver o local da bilheteira onde se acumulam pessoas em fila para comprar bilhetes para assistir às sessões e um jogo de luzes ilumina os cartazes dos vários filmes em exibição. O número de salas multiplica-se, passam a ser mais confortáveis e mais pequenas, percursos sinuosos dão acesso às mesmas onde se ouvem ruídos das projeções de diversas salas.

Os novos centros comerciais passam a ser um elemento decisivo na estruturação do espaço desempenhando uma importante função a nível social, pois promove o convívio entre pessoas e a animação dos lugares, chegam a ser comparados com os “antigos mercados ao ar livre” por *Bernadette Mérenne Schoumaker* (Salgueiro, 1989, p. 153).

Criando uma analogia entre a sociedade do século XX e os dias de hoje, pode-se afirmar que o século XX revia-se na monumentalidade e nos espaços de lazer, enquanto a sociedade atual se revê na monumentalidade dos centros comerciais tidos como pontos de encontro (Brás, 2011). Ainda há bem poucos anos atrás era possível assistir a pessoas que passeavam nos centros das cidades, onde, como é o caso do Chiado em Lisboa, se cruzavam multidões na atividade de ver montras e pessoas, ver e ser visto, encontros com amigos e conhecidos ou até para tomar um

chá ou café. Hoje já não é tão frequente assistir a este cenário, com exceção de pessoas com mais idade, forasteiros e turistas, pois os centros das cidades estão a perder este caráter de vida social, que passa a ser transportado para os centros comerciais, onde famílias inteiras passeiam ao fim de semana e onde jovens combinam encontros com os amigos. Este espaço torna-se assim num elemento integrante da cultura urbana (Salgueiro, 1989, p. 154).

1.3.3. A Internet

A *internet*⁵ surge na década de 50, durante a guerra fria. O lançamento do *Sputnik 1*⁶ pela União Soviética desencadeou a reação dos Estados Unidos da América que, por sua vez, criou a ARPA (*Advanced Research Project Agency*) com o objetivo principal o desenvolvimento de programas relativos aos satélites e ao espaço, mantendo a liderança na ciência e na tecnologia a nível mundial (Almeida, 2005). Mais tarde, em 1968, é criada a primeira rede experimental de computadores a grandes distâncias designada ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Network*)⁷, constituída por quatro computadores (Marcelo, 2001, pp. 18,19). Após esta criação afirma-se que em poucos anos qualquer pessoa poderia comunicar através de computadores.

Foi então, na década de 90, que esta rede (*internet*) adquire maior amplitude, permitindo ligações em toda a parte do globo e acaba por se tornar num meio de comunicação entre utilizadores situados nos mais diversos e distantes pontos do mundo (Brás, 2011, p. 19). Apesar de no início da década de 90 ser praticamente desconhecida na Europa, a *Internet* rapidamente se expandiu devido ao aumento do número de utilizadores e explosão dos serviços oferecidos (Marcelo, 2001), em Portugal surge, primeiramente, nas Universidades e em algumas empresas e mais tarde os órgãos de comunicação social passam a difundir as potencialidades da *Internet*, provocando assim uma explosão na utilização da mesma (Almeida, 2005, p. 1).

A *internet* passou a ser capaz de alterar as formas de interação social, pois para além da facilidade que oferece na pesquisa de informação, transforma-se também num local de encontro e partilha, dando uma certa liberdade à sociedade, onde todos têm a possibilidade de expressar livremente a sua opinião (Santos, 1998, p. 154). É criado um mundo virtual que apresenta inúmeras ferramentas como a *web*, o correio eletrónico, grupos e fóruns de discussão e até a possibilidade de conversação em tempo real (Marcelo, 2001, p. 28), que contribuem para que o tempo e o espaço tomem dimensões de espaço não físico, artificial e sem fronteiras, sendo o computador o meio que possibilita a interação entre usuários.

⁵ Abreviação para *Interconnected Networks* ou *Internetwork System*

⁶ Primeiro satélite espacial enviado pela União Soviética a 4 de Outubro de 1957

⁷ Desenvolvida pela ARPA, com o objetivo de interligar as bases militares e os departamentos de pesquisa do governo americano.

Contrariamente às formas de socialização tradicionais, em que as pessoas se conhecem através de “interacção face a face”, neste meio nunca se sabe ao certo a realidade da pessoa que está do outro lado. Contudo, a *internet* torna-se capaz de alterar as formas de interação social, onde facilmente se pesquisa informação e é local de encontro e partilha (Marcelo, 2001). Segundo *Manuel Castells*, é a sociedade que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses de quem as utiliza. Chega mesmo a fazer uma comparação ao papel da eletricidade na difusão das formas organizacionais da sociedade, com o surgimento das novas tecnologias geradas eletricamente (Castells, 2005, p. 17).

Assim, a *internet* cria comunidades virtuais, que, como afirma *Rogério Santos*, “parece que as pessoas se isolam e se ligam às máquinas mediadoras, esquecendo o lado convencional da praça pública e da festa entre amigos. Há perda de contacto no espaço público físico e ampliam-se as ligações aos espaços virtuais” (Santos, 1998, p. 154).

Mas a verdade é que os utilizadores podem ligar-se entre si e ter acesso à mais vasta paleta de informação que provem das mais distintas partes do mundo. Hoje em dia é tão simples aceder à *internet* através de vários tipos de aparelhos, como *smartphones*, *tablets*, computadores... dos mais variados locais e que dispõem uma série de funcionalidades que transcendem a interação social, nomeadamente o visionamento de filmes e programas televisivos, fazer compras, ler, ouvir música, entre outras. Todas estas inovações surgiram com o objetivo de tirar o partido máximo das funcionalidades que esta rede global nos pode oferecer, algo impensável nos primórdios da *internet*, mas que pode muito bem não ficar por aqui.

Assim, bem como a televisão e as salas de cinema dos centros comerciais vieram contribuir para a desertificação das salas dos Cine Teatros, a Internet também tem o seu papel nesta problemática. No entanto, como temos assistido nos últimos anos, a *internet* atingiu e atinge diretamente a televisão e o cinema, que conseqüentemente contribui para o abandono dos Cine Teatros.

Capítulo II

2. Novos Usos dos Cine Teatros

Muitos são os casos de transformações de Cine Teatros executadas por todo o território nacional, grande parte destes equipamentos sofreram alterações com o apoio e incentivo dos municípios onde se inserem, contrariamente àqueles que mantêm o seu carácter privado, muitos continuam ao abandono e em degradação constante. No entanto, em muitos dos casos os equipamentos são apenas melhorados, outros até reconstruídos, mas, no geral, mantêm as suas funções originais. Após a pesquisa e análise realizada nesta dissertação referente às causas para o abandono destes equipamentos, será realmente vantajoso reconstruir ou reabilitar Cine Teatros simplesmente para mantermos a sua memória? Será vantajosos voltar a dar vida a um programa que caiu em desuso?

Estes edifícios, reabilitados ou reconstruídos, têm o intuito de motivar o acesso à cultural e à prática das artes nos diversos municípios onde se inserem, mais que um equipamento é uma instituição cultural. Trata-se de um espaço que não se limita à apresentação de artes do espetáculo sob a gestão de um município, mas que presta um serviço público acessível a todos.

Posto isto, neste capítulo apresentam-se alguns exemplos de transformações que equipamentos deste tipo sofreram no território nacional, os seus programas, mantidos ou renovados, com o intuito de analisar as soluções de revitalização que se têm optado para este tipo de equipamentos.

Numa segunda fase, pretende-se investigar a definição de Cine Teatro em contexto Municipal e como relacionar o programa do mesmo ao ambiente em que se insere, ou seja, como se poderá elaborar um programa direcionado para os munícipes, permitindo que estes sejam parte integrante na vida dos novos e melhorados Cine Teatros.

2.1. Os Novos Cine Teatros em Portugal

No decorrer dos primeiros anos do século XXI afirma-se que Portugal é um país dotado de equipamentos culturais, tanto recuperados como construídos (Vieira R. F., 2015, p. 10). Fato que veio desenvolver a cultura nacional, bem como a sua descentralização das zonas mais povoadas como são as capitais de distrito.

Neste tópico pretende-se estudar e conhecer vários tipos de equipamentos Cine Teatro, tanto reabilitados, recuperados ou reconstruídos, de modo a compreender como se tem atuado contra a problemática do abandono e degradação destes edifícios um pouco por todo o território nacional. De uma vasta lista de edifícios deste tipo foram selecionados o Cine Teatro Capitólio

em Lisboa, o Cine Teatro Ribatejo no Cartaxo e o Cine Teatro Amarante para casos de estudo, com o intuito de abranger diferentes abordagens em relação ao mesmo tipo de equipamento, frisando as suas novas ou mantidas funções, desenhos, organização e programas.

2.1.1. Cine Teatro Capitólio, Lisboa

O Cine Teatro Capitólio surge numa época em que se verificava uma transição e mudança na arquitetura portuguesa, projetado pelo arquiteto Luís Cristino da Silva em 1929, no Parque Mayer, este edifício ressaltava um gosto pela *ArtDéco* e um purismo racionalista que se distingue das tradicionais fachadas modestas e populares (Figuras 5 e 6) (Batista J. C., 2012, p. 14).

O Capitólio apresentava-se como um inovador teatro, *music-hall* e cinema, que o distinguiam de outras tantas construções do género edificadas até à data. Com uma área de implantação de 1200m² e uma planta retangular com 42m por 28m, era constituído por uma enorme sala de espetáculos interior, com uma lotação de 1391 lugares sentados que o distinguiu como a maior sala da altura. Esta incorporava ainda três grandes vãos envidraçados, rasgando cada uma das suas laterais, abrindo o espaço interior para o exterior e ainda um teto falso ondulado que ocultava a iluminação. Apresentava ainda uma vertente de cinema ao ar livre e esplanada sobre o seu terraço superior (que mais tarde acabou por ser coberto, resultando das intervenções feitas pelo arquiteto em 1935) (Figura 7) (Cardoso, 2015, pp. 60-66).

Foram surgindo algumas alterações ao edifício após a sua inauguração, projetadas pelo próprio arquiteto, que para além da cobertura do terraço também a instalação do balcão e dos dois *foyers* laterais.



Figura 5 - Lateral Sul do Cine Teatro Capitólio (projeto original)

Fonte: Batista JC. A|D : arquitectura dinâmica : capitólio, um paradigma experimental. Dissertação de mestrado. Lisboa: Univeridade Técnica de Lisboa, Arquitetura; 2012, p.16.



Figura 6 - Entrada Principal do Cine Teatro Capitólio (projeto original)

Fonte: Batista JC. A|D : arquitectura dinâmica : capitólio, um paradigma experimental. Dissertação de mestrado. Lisboa: Univeridade Técnica de Lisboa, Arquitetura; 2012, p.17.



Figura 7 - Entrada Principal do Cine Teatro Capitólio (após remodelação em 1935)

Fonte: Batista JC. A|D : arquitectura dinâmica : capitólio, um paradigma experimental. Dissertação de mestrado. Lisboa: Univeridade Técnica de Lisboa, Arquitetura; 2012. p.19.

No entanto, não foram as únicas alterações feitas no edifício, ao longo dos anos muitas mais surgiram, chegando a tirar ao edifício toda a sua originalidade. Nos anos 80 acaba por encerrar, tal como aconteceu aos inúmeros equipamentos deste tipo por todo o território nacional. Contudo, em 1983, este é classificado como imóvel de interesse público⁸ (Cardoso, 2015, pp. 60-66).



Figura 8 - Palco do Cine Teatro Capitólio
Fonte: Presente e Passado. [Online].; 2014 [cited 2017 junho 20. Available from: <http://presentepassado.blogspot.pt/2014/06/o-parque-mayer-e-os-seus-teatros.html>

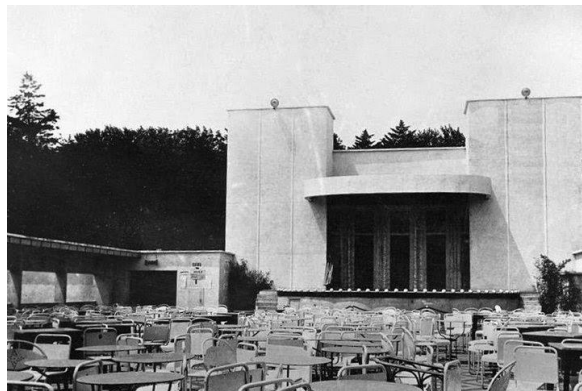


Figura 9 - Terraço do Cine Teatro Capitólio nos anos 30
Fonte: Presente e Passado. [Online].; 2014 [cited 2017 junho 20. Available from: <http://presentepassado.blogspot.pt/2014/06/o-parque-mayer-e-os-seus-teatros.html>

Após o seu encerramento várias foram as propostas que surgiram para o Parque Mayer, sendo até ser proposto que o edifício seja demolido, proposta da autoria do arquiteto *Frank Gehry* (Figura 10), projeto este de grande envergadura que visava a construção de novas infraestruturas. Contudo, grandes foram as contestações por parte do Grupo de Trabalhadores Cidadãos pelo Capitólio⁹ que conseguiu que este integrasse a lista do “World Monuments Found”¹⁰ dos 100 edifícios de interesse histórico mais ameaçados do mundo. Ação esta que leva a que a proposta de *Frank Gehry* seja descartada (Batista J. C., 2012, p. 41) e que em 2008 seja lançado um concurso público promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, destinado à reabilitação total do Capitólio, com o intuito de recuperar e de devolver a este edifício a sua forma original de projeto.

⁸ Classificação publicada no Decreto do Governo 8/83 de 24 de Janeiro de 1983

⁹ Grupo formado em 2003, com o objetivo de assegurar a sobrevivência do Capitólio. O grupo defende o restauro do edifício, que consideram um ícone da arquitetura portuguesa, e a sua utilização enquanto espaço cultural para as futuras gerações.

¹⁰ WMF é a mais importante organização sem fins lucrativos que se dedica à preservação de lugares da herança cultural de todo o mundo. Através de uma revista bienal, desperta a atenção internacional para os perigos que ameaçam os lugares com significado histórico, artístico e arquitetónico.



Figura 10 - Maquete da proposta do Arquiteto *Frank Gehry* para o Parque Mayer

Fonte: LXProjectos. [Online].; 2006 [cited 2017 junho 20. Available from: <http://lx-projectos.blogspot.pt/2006/09/parque-maver.html>

Nove propostas foram entregues, no entanto, apenas quatro foram admitidas a concurso (Souza Oliveira - Arquitectura e Urbanismo lda; Agrupamento liderado pelo Arq. José Romano Pires; Atelier Daciano Costa; Arq. João Rosário Mateus), sendo atribuído o primeiro lugar à proposta do arquiteto Alberto Souza Oliveira¹¹.

O *atelier* do arquiteto Souza Oliveira é o vencedor do concurso com uma proposta que promete devolver a dignidade, o “*glamour*” e a coerência ao Capitólio. Deste modo o arquiteto opta por manter a identidade do edifício, melhorando e repondo as funcionalidades do edifício de modo a recriar um novo espaço cultural versátil compatível com os níveis de exigência das produções contemporâneas de espetáculos, cumprindo os níveis de segurança exigidos pelas Normas Europeias (Vidalmobiliária, 2017).

¹¹ Licenciou-se em arquitetura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1969. É *master of architecture* pela *Louis Kahn's Class*, da *Graduate School of Fine Arts*, da Universidade da Pensilvânia, desde 1973, ano durante o qual colaborou com *Louis Kahn*. É Professor associado para a disciplina de projeto na Universidade Lusíada de Lisboa. É autor de diversos projetos e obras, vencendo em 2008 o Concurso Público Internacional para a elaboração do Projeto de Reabilitação do Cine Teatro Capitólio

Manter a memória coletiva de uma época passada e suas vivências foi a preocupação fulcral para a elaboração do projeto, garantindo que a identidade do edifício, como peça do modernismo da época, fosse preservada.



Figura 11 - Fachada Principal do Cine Teatro Capitólio, após reabilitação

Fonte: Vidalmobiliária. Prémio Nacional de Reabilitação Urbana. [Online]. [cited 2017 junho 20. Available from: <http://www.premio.vidaimobiliaria.com/candidatura/reabilita%C3%A7%C3%A3o-do-cine-teatro-capit%C3%B3lio-lisboa>.



Figura 12 - Sala de espetáculos do Cine Teatro Capitólio, após reabilitação

Fonte: Vidalmobiliária. Prémio Nacional de Reabilitação Urbana. [Online]. [cited 2017 junho 20. Available from: <http://www.premio.vidaimobiliaria.com/candidatura/reabilita%C3%A7%C3%A3o-do-cine-teatro-capit%C3%B3lio-lisboa>

“ (...) cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa, primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo.” (Zumthor, 2009, p. 17)

Por isso, manter a identidade do edifício sem danificar a sua linguagem é a ideia chave de todo o projeto, com a intenção de ampliar as suas funcionalidades e trazendo-as para junto do público. Resultando num projeto que consiste na manutenção do interior do edifício, abrindo-o para o exterior através da sua grande sala sobre uma grande praça, conectando os dois espaços num só. Foi também proposta uma nova fachada poente, uma vez que, na perspetiva de *Souza Oliveira*, esta é a menos caracterizada no projeto original. É adicionado um novo volume, devido à falta de profundidade do palco original, que consiste num enorme *LED screen HD* a cores, que permite a transmissão em direto ou não dos espetáculos. No topo, o terraço original é recuperado e idealizado para sessões de cinema ao ar livre, café concerto, entre outras (Figura 13).

Em suma, esta proposta procura o equilíbrio ideal entre a obra de 1929 e as necessidades do presente, rejeitando a ideia da demolição, pois podemos aprender muito com o passado ao preservar obras desta natureza (Cardoso, 2015, pp. 60-66).



Figura 13 - Maquete do projeto de reabilitação para o Cine Teatro Capitólio, pelo arquiteto Souza Oliveira (Fachada Poente/Norte; Fachada Nascente/Norte; Perspetiva Salão/Praça, respetivamente)

Fonte: Oliveira, AS. Sousa Oliveira - Arquitectura e Urbanismo Lda. [Online].; 2014 [cited 2017 Junho 20].

Available from: <http://www.souzaoliveira.pt/capitolio/>

2.1.2. Cine Teatro Ribatejo (Cartaxo)

Neste caso específico não estamos perante uma reabilitação, mas sim uma reconstrução. No entanto, torna-se importante analisar este exemplo uma vez que se pretende compreender as diferentes abordagens e soluções optadas para este tipo de edifício, bem como analisar as diferentes soluções e programas.

Onde em tempos foi o Cine teatro Ribatejo, no Cartaxo, inaugurado a 1947 e com atividade até 1988, hoje dá lugar ao Centro Cultural - Município do Cartaxo (CCC). Inaugurado a 10 de junho de 2005, este edifício adquire uma arquitetura contemporânea com capacidade de receber espetáculos das mais variadas áreas artísticas, nomeadamente o cinema. Este caracteriza-se por ser um espaço aberto ao exterior, assumindo-se como “Casa da Cultura de todos e para todos” (Cartaxo, 2012).

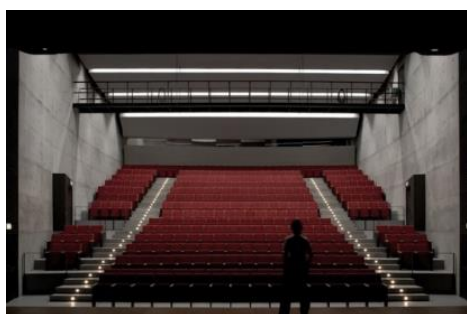


Figura 14 - Sala principal do Centro Cultural do Cartaxo

Fonte: CVDB AA. CVDB Arquitetos Associados. [Online].; 2014 [cited 2017 outubro 17. Available from: <http://www.cvdbarquitectos.com/centro-cultural-cartaxo2/7mr1zsy0a2rio8tdikf5szcvk51pzo>.



Figura 15 - Aspeto exterior do Centro Cultural do Cartaxo
Fonte: Próprio autor

O projeto deste equipamento é da autoria do *atelier* CVDB Arquitetos, que é composto pelos arquitetos *Cristina Veríssimo* e *Diogo Burnay*. Localizado na praça principal do Cartaxo, o Centro Cultural do Cartaxo destaca-se pelo seu volume de betão em consola, que se projeta

sobre a rua e o vestíbulo¹², zona esta que alberga o auditório principal. Dispõe de uma capacidade de 332 lugares na sala principal, que foi elevada para poder englobar o vestíbulo imediatamente por baixo da mesma, que se situa entre esta e a sala de cinema subterrânea (CVDB, 2014).

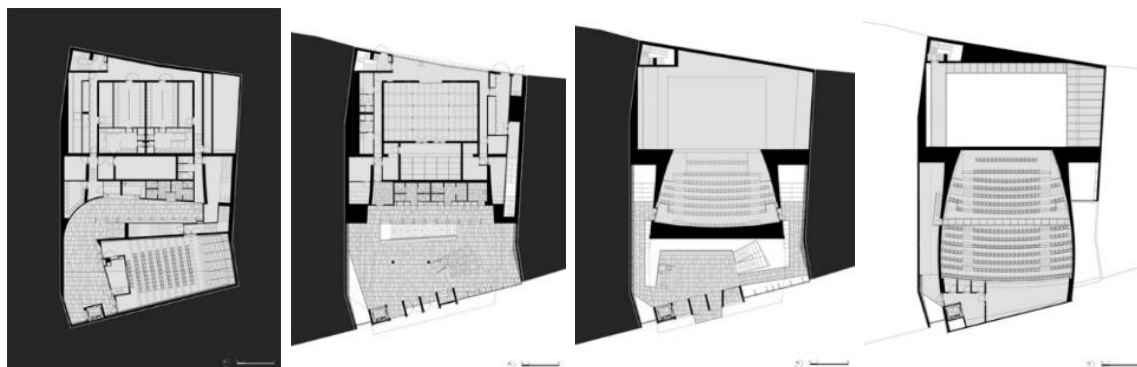


Figura 16 - Plantas piso -1, piso 0, piso 1 e piso 2 do Centro Cultural do Cartaxo, respetivamente
Fonte: CVDB AA. CVDB Arquitetos Associados. [Online].; 2014 [cited 2017 outubro 17. Available from: <http://www.cvdbarquitectos.com/centro-cultural-cartaxo2/7mr1zsy0a2rio8tdikf5szcvk51pzo>.

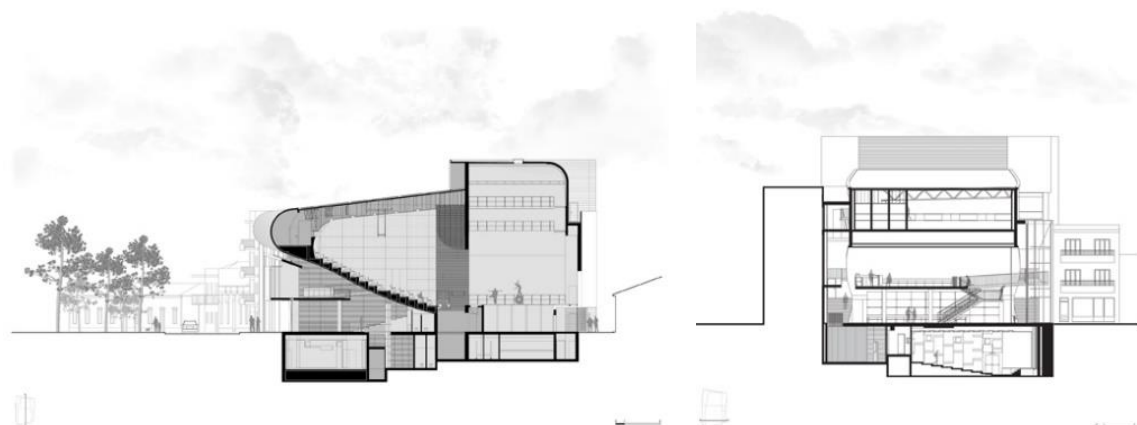


Figura 17 - Secções do edifício Centro Cultural do Cartaxo
Fonte: CVDB AA. CVDB Arquitetos Associados. [Online].; 2014 [cited 2017 outubro 17. Available from: <http://www.cvdbarquitectos.com/centro-cultural-cartaxo2/7mr1zsy0a2rio8tdikf5szcvk51pzo>.

Neste edifício verifica-se um programa pouco diversificado do qual constam duas salas de dimensões e finalidades distintas, a maior dá lugar à sala de espetáculos, dita como principal, destinada a apresentações teatrais, de dança ou até espetáculos musicais, enquanto a segunda destina-se ao cinema e audiências, com uma capacidade de 90 lugares. Dispõe ainda de espaços com diversas escalas que constituem o *foyer* e ainda, na parte posterior do edifício encontram-

¹² Ou *Hall* de entrada, destina-se à zona de entrada ou passagem entre a sala de entrada e o interior do edifício.

se um volume que inclui espaços como: camarins, sub palco, fosso de orquestra, teia, e todos os espaços que garantem o funcionamento deste equipamento.

2.1.3. Cine Teatro Amarante

O cine Teatro Amarante está localizado no centro histórico da cidade, na margem esquerda do rio Tâmega, junto ao Parque Florestal.

Inaugurado a 24 de maio de 1947, o Cine Teatro de Amarante acompanhou o percurso da arquitetura portuguesa do século XX, assumindo-se como grande equipamento cultural da localidade. Poucos são os documentos que relatam o historial deste edifício, pois na Câmara de Amarante não existe o seu historial, no entanto sabe-se que na década de 80 este chegou a funcionar como estabelecimento de diversão noturna, entre outras utilizações (Bessa, 2017, p. 133).



Figura 18 - Cine Teatro Amarante
Fonte: WAYMARKING. [Online].; 2013 [cited 2017 outubro 17. Available from: http://www.waymarking.com/waymarks/WMJ182_Amarante_Cine_Teatro_Amarante_Portugal.



Figura 19 - Pormenor da fachada principal do Cine Teatro Amarante
Fonte: WAYMARKING. [Online].; 2013 [cited 2017 outubro 17. Available from: http://www.waymarking.com/waymarks/WMJ182_Amarante_Cine_Teatro_Amarante_Portugal.

A julho do ano de 2000, a Câmara de Amarante adquiriu o imóvel com o objetivo principal de recupera-lo e torna-lo um equipamento cultural da cidade. Neste momento o Cine Teatro de Amarante encontra-se devoluto mas com várias propostas de reabilitação, uma vez que foi lançado um concurso público internacional de ideias pela Camara Municipal em 2011 (Lusa, 2013). A proposta vencedora foi a do arquiteto *Carlos Prata* que de entre as 40 propostas recebidas pelo município foi a que se destacou por permitir uma leitura clara da pré existência do edifício, garantido a memória do mesmo e ainda, se apresenta como uma proposta contemporânea e de forte impacto. O projeto visa a recuperação das principais características arquitetónicas do edifício, bem como a sua sala de espetáculos de média dimensão, que oferecerá uma lotação de 379 lugares. Também está incluído no projeto uma área de restauração e uma pequena superfície comercial (Lusa, 2013).



Figura 20 - Proposta vencedora para o Cine Teatro Amarante, vista exterior
Fonte: GOMA E. Estudio GOMA. [Online].; 2011 [cited 2017 outubro 17. Available from: <https://www.estudiogoma.pt/works/cine-teatro-de-amarante/>].



Figura 21 - Proposta vencedora para o Cine Teatro Amarante, sala de espetáculos
Fonte: GOMA E. Estudio GOMA. [Online].; 2011 [cited 2017 outubro 17. Available from: <https://www.estudiogoma.pt/works/cine-teatro-de-amarante/>].



Figura 22 - Painéis da proposta vencedora ao concurso do Cine teatro Amarante
Fonte: GOMA E. Estudio GOMA. [Online].; 2011 [cited 2017 outubro 17. Available from: <https://www.estudiogoma.pt/works/cine-teatro-de-amarante/>].

No entanto, o projeto teve de sofrer algumas alterações fruto de questões financeiras. Segundo o arquiteto, é proposto um volume “quase cego, que abraça o edifício a manter, com quem estabelece claras relações de proporção e escala. Os dois volumes não se tocam, sendo desligados por planos de vidro verticais, que resolvem o contacto interior/externo mais ou menos transparentes” (Amarante, 2017). Contudo, até à data, esta proposta ainda não foi concretizada.

2.2. Novos Usos: Programa, Função e Dinamismo

Antes de mais, importa contextualizar o fato de Portugal ser um país dotado de equipamentos culturais, que se deveu muito ao programa Rede Nacional de Teatros e Cineteatros (RNTC) que foi lançado a março de 1999 com o objetivo de impulsionar a descentralização cultural, dando a oportunidade a várias autarquias a possibilidade de recuperar o edifício correspondente ao Teatro do município ou até, no caso de não existir, construir um equipamento capaz de albergar as condições necessárias para uma atividade regular na apresentação de teatro, dança, música e cinema de raiz (Vieira R. F., 2015, p. 10). Projeto este que, segundo o então Ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho, foi preparado no âmbito da estratégia global do seu Ministério propondo-se a “integrar plenamente a política cultural na estratégia de desenvolvimento do país, dando assim o passo decisivo para a sua maioridade institucional” (AAVV, 2008, p. 9).

Efetivamente, a RNTC conseguiu a sua implantação em onze capitais de distrito em Portugal: Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Santarém, Viana do Castelo e Vila Real. Esta, numa fase inicial, contou ainda com a construção de novas salas em Almada, figueira da Foz e Guimarães e ainda com a reabilitação dos cineteatros de Lamego, Mértola, Montijo, Sintra e Vila do Conde. No entanto, muitos outros municípios, não englobados neste programa, construíram ou recuperaram os seus auditórios através de candidaturas autónomas aos fundos europeus (Silva A. S., 2007, pp. 11-33).

Contudo, não se pode deixar de ter em consideração, a par da sua construção, a importância do modelo de gestão que é adotado nestes equipamentos. Não se pretende menosprezar a importância da construção ou revitalização, urgente, destes espaços, pois foram essenciais como ponto de partida e em particular em zonas do país que não eram dotadas de quaisquer equipamentos culturais até há bem poucas décadas. Ainda assim, foram detetados problemas significativos no que diz respeito às infraestruturas, uma vez que muitas das obras não foram devidamente acompanhadas, tanto a nível de projeto como na sua execução, surgindo assim erros estruturais em alguns projetos.

Considerando o paradigma enunciado por *Ana Rita Sousa* (Sousa, 2013, p. 15), de que um Teatro Municipal é um equipamento que pode possuir diferentes características e designações: Teatro, Cine Teatro, Auditório ou Centro Cultural, mas que em comum têm a sua função de espaços culturais destinados à apresentação de espetáculos de natureza artística sob a gestão do município onde se inserem. Pode assim considerar-se que equipamentos como os Cine Teatros, estando estes inseridos num contexto municipal, são edifícios privilegiados e de destaque, visto que asseguraram o acesso das populações às artes do espetáculo, bem como à partilha de ideias, linguagens, formas e culturas. São espaços que devem “ser vividos pelos munícipes, espaços impulsionadores de desenvolvimento local, e agentes fundamentais na dinâmica cultural do município” (Sousa, 2013, p. 15). Mais que um equipamento cultural trata-se de um espaço que precisa de ser envolvido no ambiente em que se insere, deve englobar programas que possam satisfazer as necessidades atuais, envolvendo a comunidade local e que

preste um serviço público acessível a todos - direito definido na Declaração Universal dos Direitos Humanos¹³ e na Constituição da República Portuguesa¹⁴.

No entanto, este conceito não se limita apenas à promoção do desenvolvimento cultural do território e ao acesso à cultura por parte da comunidade local, mas também à estimulação e criação artística e sua respetiva apresentação, promovendo o encontro e a partilha de experiências entre artistas, público e comunidade local¹⁵ e até, potenciar parcerias com agentes locais e regionais.

Deste modo, como se poderá elaborar um programa direcionado para os munícipes, permitindo que estes sejam parte integrante na vida dos novos e melhorados Cine Teatros? Programa este que satisfaça as necessidades atuais e que possam dinamizar ao máximo estes espaços. Importa assim, destacar vários objetivos específicos associados a este tipo de equipamentos que são os Cine Teatros, com o intuito deste estar ao serviço das potencialidades da comunidade local:

- i. Qualificar e desenvolver o tecido cultural e artístico local;
- ii. Estimular as realidades artísticas locais através do confronto com as realidades nacionais e internacionais;
- iii. Contribuir para o desenvolvimento cultural da população e da região bem como para a valorização da sua imagem;
- iv. Promover a participação ativa da comunidade.

De entre os inúmeros conceitos enumerados por *Rafael Vieira* (Vieira R. F., 2015, p. 10), estes aqui enunciados destacam-se por irem de encontro ao referido anteriormente, tornando-se assim cruciais para que um equipamento desta natureza se mantenha ativo.

Na área dos equipamentos culturais, os Teatros e Cine Teatros foram criados sem linhas de planeamento pré-definidas, ou seja, não existem critérios específicos para estes equipamentos serem integrados nesta rede cultural da qual fazem parte juntamente com os museus e bibliotecas municipais, que contrariamente dispõem de documentos programáticos à sua integração a nível nacional e internacional, bem como respetivos critérios de funcionamento dos mesmos (Freitas, 2016, p. 29).

¹³ Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 27º 1. "Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam".

¹⁴ Capítulo III, Artº 73. 1 - "Todos têm direito à educação e à cultura".

¹⁵ Entende-se por *público* aqueles que mantêm uma relação com a instituição, e *comunidade local*, aqueles que interessa envolver na mesma.

Capítulo III

3. Cine Teatro de Alcácer do Sal

3.1. Alcácer do Sal - História e Cultura

Alcácer do Sal é uma cidade que pertence ao distrito de Setúbal, localiza-se na região do Alentejo e sub-região Alentejo Litoral. Contando com uma população de cerca de 13 046 habitantes¹⁶ (Instituto Nacional de estatística, 2012), distribuídos por uma área de 1 482km² classifica-se como o segundo maior município do país. Este é subdividido em quatro freguesias: Comporta, São Martinho, Torrão e União de freguesia de Alcácer do Sal (Santa Maria do Castelo e Santiago) e Santa Susana¹⁷ (Alcácer do Sal, Geografia, 2015).



Figura 23 - Localização geográfica do concelho de Alcácer do Sal e suas respetivas freguesias
Fonte: Próprio autor

Esta cidade à beira Rio Sado desenrola-se ao longo de uma colina com um Castelo no seu cimo (situado a uma altimetria de 64 metros) (iGEO, 2017). A sua localização privilegiada proporcionada pela irregular topografia e a presença de um curso de água navegável até ao Atlântico, são fatores essenciais que contribuíram para o seu povoamento e respetiva

¹⁶ De acordo com os Censos 2011 do INE (Instituto Nacional de estatística).

¹⁷ Recentemente sujeita a reorganização administrativa das freguesias.

prosperidade. A bacia hidrográfica do Rio Sado atravessa o território ao longo de toda a sua dimensão, possibilitando o desenvolvimento de atividade piscatórias, salicultura, recolha de marisco, criação de gado e agricultura (Rocha, 2016, p. 20).

Alcácer do Sal é uma das mais antigas cidades da Europa. Investigações arqueológicas datam a presença humana nesta cidade de há mais de 40 000 anos, remetendo-se aos fenícios com fundação anterior a 1000 a.C. (Vieira D. M., 2016, p. 77). Fez parte do império romano e em 715 foi conquistada pelos Árabes, que a tornaram capital de província de *Al-Kassr*. Com esta ocupação ganha o nome de Alcácer e porque outrora foi um grande centro produtor de sal, hoje em dia é designada por “Alcácer do Sal” (Pato, 2013). O reino de Portugal teve algumas dificuldades em conquistar esta cidade, pois 30 anos após a sua 1ª conquista por parte de D. Afonso Henriques, em 1158, sofre uma reconquista almóada¹⁸ que permaneceu até à 2ª conquista por parte de D. Afonso II em 1219 com o auxílio de tropas da Quinta Cruzada¹⁹ que iam a caminho do Oriente (Alcácer do Sal, 2015).



Figura 24 - Alcácer do Sal, vista da margem sul do Rio Sado

Fonte: Próprio autor



Figura 25 - Castelo de Alcácer do Sal, atual Pousada D. Afonso II, vista da margem sul do Rio Sado

Fonte: Próprio autor

Evidencia-se ainda a grande importância que Alcácer do Sal teve na contribuição para os Descobrimentos Portugueses, tornando-se um dos principais fornecedores de madeira, uma vez que o pinheiro manso abunda na região. Era utilizada para peças navais e até para a construção das embarcações. No entanto, a produção de sal e o comércio fluvial continuavam a ser as principais atividades que mais contribuíam para a economia alcacerense.

Torna-se importante conhecer o passado histórico desta cidade visto que alguns aspetos e elementos do seu traçado urbano ainda se mantêm, no entanto o traçado medieval das ruas, praças, edifícios de prestígio ou casas comuns têm sido extintos quase na sua totalidade ou têm sofrido grandes alterações, alterações estas que são naturais em qualquer cidade ou vila. De

¹⁸ Potência religiosa governada pela quinta dinastia moura.

¹⁹ Movimentos militares de inspiração cristã. Liderada por André II, rei da Hungria, e Leopoldo VI, duque da Áustria.

um modo geral, em Portugal e em particular em Alcácer, o terramoto de 1755 destruiu e agravou a degradação natural da malha urbana, provocado assim o desaparecimento de grande parte das suas características medievais (Batista A. I., 2008, p. 97).

Apesar do importante papel do rio Sado, não só na atividade piscatória, mas também no transporte de mercadorias até áreas interiores da região, hoje em dia o recurso ao rio para esse efeito tem sido progressivamente abandonado devido à crescente utilização do caminho-de-ferro. No entanto, este não deixa de ser um elemento importante na cidade, uma vez que é este que caracteriza a cidade de Alcácer, bem como a relação que estabelece com o castelo no traçado urbano da mesma, o que os distingue como os elementos mais marcantes, característicos e fundamentais do centro de Alcácer do Sal, tornando-a uma cidade que se afirma perante o Litoral Alentejano.

O concelho de Alcácer do Sal dispõe de uma quantidade de património arquitetónico de grande riqueza e valor, que pode ser classificado em quatro categorias: **Militar, Religioso, Civil e Equipamentos.**

Como **património arquitetónico Militar** destaca-se o **Castelo de Alcácer do Sal**, que atualmente alberga no seu interior a Pousada D. Afonso II e a Cripta Arqueológica (museu subterrâneo). Esta edificação encontra-se numa zona estratégica que permitia identificar eventuais aproximações de inimigos, tornando-se, durante anos, local de lutas entre cristãos e muçulmanos. É uma construção muçulmana que terá sido edificada a 1191 pelo califa almóada *Ya'qub Al-Mansur*²⁰, e é um dos poucos exemplares arquitetónicos em taipa que resistiu ao tempo (Alcácer do Sal, 2015).

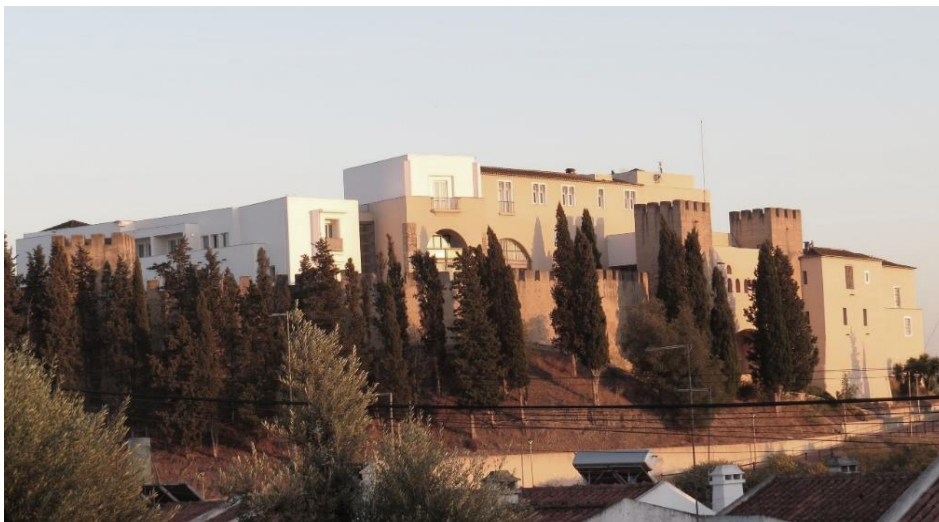


Figura 26 - Castelo de Alcácer do Sal, atual Pousada D. Afonso II
Fonte: Próprio autor

²⁰ Terceiro califa do Califado Almóada de Marrocos. O seu reinado coincidiu com o período de máximo esplendor do Califado Almóada na Península Ibérica.

Quanto ao **património arquitetónico religioso**, existem cerca de 16 edificações de caráter religioso de grande interesse dispersas pelo concelho, no entanto irão ser referidas apenas as de maior relevância e que se inserem na cidade. A primeira edificação é a **Igreja de Nossa Senhora de Aracoeli** (Figura 27) que se encontra no interior do Castelo de Alcácer do Sal, sendo uma construção que se sucedeu à conquista definitiva de Alcácer em 1217 e que serviu de sede e Convento da Ordem de Santiago²¹.



Figura 27 - Entrada para a Pousada D. Afonso II e entrada para a Igreja de Nossa Senhora de Aracoeli (entrada situada à direita na imagem)

Fonte: Próprio autor

A **Igreja da Misericórdia** (Figura 28) foi construída em 1547, alguns anos após o D. Ruy Salles fundar a Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal (1930). É uma construção Barroca que sofreu uma remodelação no século XIX onde grande parte dos azulejos que cobriam quase a totalidade das suas paredes interiores foram retirados e substituídos por estuque e mosaico.

O **Santuário do Senhor dos Mártires** (Figura 29) é uma construção iniciada no século XIII e ampliada no século XIV. É um dos templos cristãos mais antigos do país composto por um corpo central que se destinava a igreja, prolongado por uma capela-mor abobadada e por um alpendre quadrado.

²¹ Ordem religiosa-militar de origem castelhana-leonesa. Em Portugal toma visibilidade no reinado de D. Afonso II e D. Sancho II, com sede em Palmela e depois em Alcácer do Sal.



Figura 28 - Igreja da Misericórdia
Fonte: Próprio autor



Figura 29 - Santuário do Senhor dos Mártires
Fonte: Próprio autor

Igreja de Santo António (Figura 30), mais conhecido por Convento dos Frades é um dos mais importantes exemplares da arquitetura Renascentista de Portugal. Esta igreja conventual foi fundada em 1524 e alberga a Capela das Onze Mil virgens revestida a mármore branco (Alcácer do Sal, 2015).

Igreja de Santa Maria do Castelo (Figura 31), edifício religioso medieval fundado pela Ordem de Santiago após a conquista da cidade por D. Afonso II, é uma das mais interessantes edificações do Romântico tardio que se conservam no sul de Portugal e, em tempos, a mais



Figura 30 - Igreja de Santo António, Convento dos Frades
Fonte: Próprio autor



Figura 31 - Igreja de Santa Maria do Castelo
Fonte: Próprio autor
importante igreja em Alcácer do Sal.

Por fim a **Igreja de Santiago** (Figuras 32 e 33), edifício imponente do século XVIII e de estilo Barroco, que domina a paisagem da cidade quando vista da margem Sul. Esta ergue-se numa plataforma com uma grande escadaria, e conta com um exterior sóbrio que contrasta com o seu interior onde suas paredes são cobertas por azulejos (Pato, 2013).



Figura 32 - Igreja de Santiago
Fonte: Próprio autor



Figura 33 - Igreja de Santiago, vista da margem sul do rio Sado
Fonte: Próprio autor

No património arquitetónico Civil destaca-se a **Torre do Relógio** (Figura 34), contida nas muralhas do Castelo de funções militares. Esta construção também em taipa foi contruída em paralelo com o Castelo em 1191 e tira partido de uma vista privilegiada sobre todo o porto fluvial de Alcácer do Sal.

Também o **Fontanário do Chafariz** (Figura 35) é um elemento importante devido ao painel de azulejos que compõe e nos relembra do passado glorioso desta cidade. Esta composição é datada de 1592 e representa as armas da cidade, enfatizando a importância do rio Sado, e onde é representada a caravela com um mastro encimado pelo escudo de Portugal e assente sobre a cruz de Santiago (como antes referido, ordem a que a cidade pertencia). Neste painel lê-se a inscrição: “SALATIA URBS IMPERATORIA”, remetendo aos tempos de Alcácer romana (Alcácer do Sal, 2015).



Figura 34 - Torre do Relógio
Fonte: Próprio autor



Figura 35 - Fontanário do Chafariz
Fonte: Próprio autor

Quanto à **arquitetura de equipamentos** também podem ser destacados alguns marcos importantes da cidade, como é o exemplo do **Solar dos Salemas** (Figura 36), construído na primeira metade do século XVII, mas com uma varanda e alpendre apenas concluídos no século XX. Este palácio que hoje alberga a Biblioteca Municipal da cidade teve outras funções no decorrer do século XX, serviu de quartel dos bombeiros e posto da GNR²².



Figura 36 - Solar dos Salemas (atual Biblioteca Municipal), entrada principal
Fonte: Próprio autor

Outro equipamento que não passa despercebido é a **Ponte Metálica** (Figura 37) que atravessa as margens do rio Sado, esta ponte foi, durante décadas, um ponto de passagem obrigatório para quem se dirigia para Sul. Inaugurada a 1945 com uma estrutura que remete ao “estilo Eiffel”, veio substituir uma outra de madeira que se encontrava no mesmo local (Alcácer do Sal, 2015). Ainda na mesma época e muito próximo deste último equipamento referido, surge uma importante construção em Alcácer, o edifício Cine Teatro.



Figura 37 - Ponte Metálica
Fonte: Próprio autor

²² Guarda Nacional Republicana

3.2. Amílcar Pinto: um arquiteto português do século XX

3.2.1. Percurso bibliográfico

Amílcar Marques da Silva Pinto (Figura 38) nasceu a 14 de março de 1890 em Lisboa, mais concretamente na Estrada de Chelas, pertencente à freguesia de São Bartolomeu (Figura 39). Após passar parte da sua infância em Lisboa, Amílcar Pinto ingressou numa instituição de ensino religiosa maioritariamente frequentada pela alta burguesia (Colégio de São Fiel) (Figura 40), nos arredores de Castelo Branco (Noras, 2011, p. 26). Mais tarde, completa a sua formação escolar no Liceu Nacional de Castelo Branco (atualmente Escola Secundária Nuno Álvares Pereira).



Figura 38 - Amílcar Pinto
Fonte: Arquivo Rodrigo Pessoa
<http://arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/239/destaque%201/>



Figura 39 - Moradia onde terá nascido Amílcar Pinto
Fonte: Arquivo Rodrigo Pessoa
Noras JR. Amílcar pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume I. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História da Arte; 2011, p.26



Figura 40 - Colégio São Fiel
Fonte: http://1.fotos.web.sapo.io/i/N9b14aba5/18090693_8UEvR.jpeg

Em 1906 é admitido na EBAL (Escola de Belas Artes de Lisboa), onde frequenta o seu primeiro Curso Geral de Desenho, acrescido do Curso de Arquitetura Civil (FAUTL). Durante a sua estadia na EBAL, frequentou ainda as aulas de José Luís Monteiro, aulas estas que tiveram uma forte influência na sua formação a nível teórico e programático. Amílcar Pinto acaba por se diplomar como arquiteto pela EBAL no ano letivo de 1916/1917.

Em 1918 começa oficialmente a sua carreira pública, através de um concurso. Trabalha assim ao serviço da DGS (Direção Geral de Saúde) até 1926, chegando a atingir o estatuto de Arquiteto Inspetor, no entanto não são conhecidas obras assinadas ou atribuídas a Amílcar Pinto. Pensa-

se que poderá estar relacionado com o facto de desempenhar uma atividade no âmbito da fiscalização de edifícios e não na elaboração de projetos, ou ainda o facto de ser muito frequente nesta época o caráter coletivo e até anónimo das obras públicas.

Em 1927 é transferido para o Ministério da Instrução Pública, onde exerce a função de Inspetor-geral e mais tarde de Arquiteto Chefe da Repartição de Construções Escolares, participando na construção de equipamentos escolares iniciado na Primeira Republica e continuado pelo Estado Novo. Mais uma vez a autoria dos edifícios escolares é difícil de identificar, devido à inexistência de projetos, em inúmeros casos, e nos existentes o seu caráter anónimo (Beja, Serra, Machás, & Saldanha, 1990). No entanto, ainda em 1920 (altura em que Amílcar Pinto exercia funções ao serviço da direção Geral de Saúde), surge ligado à construção do novo edifício da Escola Superior de Farmácia, mas segundo a história relatada no *site* da Faculdade de Farmácia, entende-se que se tratou de uma encomenda ao arquiteto como entidade privada (FFULisboa, 2017). Apesar de ter sido, eventualmente, o seu primeiro trabalho, as informações a esse respeito são muito remotas.

A partir de 1923, Amílcar Pinto colabora pontualmente na construção de edifícios escolares, como é o caso da Escola Primária de Vila Verde de Ficalho (hoje Jardim Escola) (Figura 41) e a Escola Primária das Azenhas do Mar (Figura 42), no conselho de Sintra. Juntamente com Frederico de Carvalho, projetam ainda vários pavilhões de aulas para o Instituto Militar dos Pupilos do Exército (Noras, 2011, p. 30).



Figura 41 - Escola Primária de Vila Verde de Ficalho

Fonte:

http://agvnsb.drealentejo.pt/site/images/preescolar_vvficalho.png



Figura 42 - Escola Primária das Azenhas do Mar

Fonte:

<http://static.panoramio.com/photos/large/2555692.jpg>

Em 1929 Amílcar Pinto é transferido para o MOP (Ministério de Obras Públicas), devido à extinção da Repartição de Construções Escolares, que passou a incorporar a antiga DGEMN (Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais) e onde assume as funções de Arquiteto Chefe da 6ª Secção do sul e é nomeado membro da Comissão Administrativa para os Edifícios da Emissora Nacional (EN) (Pedreirinho, 1994, p. 216).

Em 1946, o MOP contesta a sua inflexibilidade na manutenção da atividade privada, deixando de fazer parte do quadro de pessoal do mesmo. Pois Amílcar Pinto mantinha juntamente à sua atividade pública, desde 1919, a sua atividade particular num *atelier* na Rua Ouro nº139. Sabe-se ainda que foi membro da Sociedade Nacional de Belas Artes desde os anos 20 e também pertenceu à Sociedade de Arquitetos Portugueses.

Após um período de progresso nos anos 20, 30 e 40, veio a crise do pós-guerra que trouxe algumas dificuldades económicas a Amílcar Pinto. Apesar do desafio que lhe trouxe os vários projetos conhecidos durante os anos 50, não foram suficientes para manter o seu *atelier*, passando assim a trabalhar em Lisboa a partir da sua residência na rua Rodrigues Sampaio, em meados da década de 60 (Noras, 2011, p. 32).

A recentemente descoberta de parte do seu espólio revelou que Amílcar Pinto manteve uma grande atividade até à segunda metade da década de 60, visto que os últimos esboços datam de 1967. Supõe-se que tenha cessado a sua atividade pouco depois dessa data devido a graves dificuldades de visão terminando assim a sua atividade profissional aos 77 anos.

Amílcar Marques da Silva Pinto faleceu aos 88 anos, de causas naturais, a 6 de junho de 1978, em Lisboa.

3.2.2. Obras de Amílcar Pinto

Duas Escolas Primárias (referidas anteriormente) são dos primeiros projetos, conhecidos, de Amílcar Pinto, mas no entanto e apesar de haver a confirmação de que foi este o autor dos mesmos, os seus desenhos não foram preservados.

Em 1925 é publicado na revista “*A Arquitectura Portuguesa*” alguns desenhos da **casa na Quinta do Corjes** para o Senhor Amaldo Teixeira Castelo Branco, que se encontra nos arredores da cidade da Covilhã (Figura 43). Trata-se do projeto mais antigo, assinado por Amílcar Pinto (juntamente com Frederico Carvalho), do qual existe o edificado e também os seus respetivos desenhos técnicos. Este projeto consiste numa casa simples, destinada a segunda habitação, num contexto rural. Verifica-se um programa decorativo tradicional na sua fachada e são usados materiais que salientam a ligação do edifício à região beirã.

Ainda, no mesmo ano (1925), surgem os desenhos técnicos de um **palacete em Beja**, assinados também por Amílcar Pinto e Frederico de Carvalho, embora estes últimos dois projetos datem da mesma altura, as suas características são bem diferentes.

O Palacete, Casa para o Senhor António Joaquim Palma localizado em Beja (Figura 44), apresenta-se numa configuração em gaveto, com pormenores decorativos e janelas que remetem para um estilo neo-rococó, tanto no exterior como no interior, seguindo o modelo tradicional que era tendência de certa arquitetura portuguesa do século XX (Tostões A. C., 2008, p. 20).

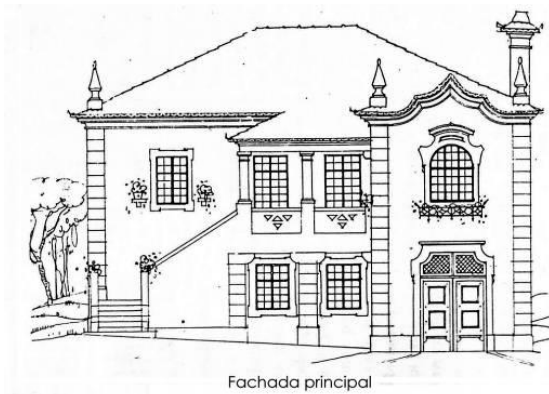


Figura 43 - Fachada principal, Casa para o Sr. Arnaldo Teixeira, na Quinta do Corjes
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.48.



Figura 44 - Palacete para o Sr. António Palma, em Beja
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.7.

Em 1926 elabora o projeto destinado a habitação e comércio para Francisco Romana, em Beja (Figura 45 e 46). Este projeto surge de uma transformação de uma casa antiga existente na rua de Mértola, este incorpora uma fachada coberta de azulejos com um desenho simples relativamente às janelas (Noras, 2011, pp. 12-16).

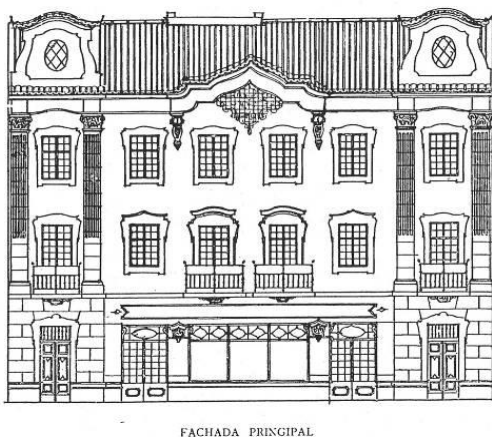


Figura 45 - Alçado Principal de casa para Francisco Romana, em Beja
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.12.



Figura 46 - Casa para Francisco Romana, em Beja
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.13.

No mesmo ano em Lisboa, surge o projeto para os Pavilhões de aulas da 1ª e 2ª Secção do Instituto dos Pupilos do Exército (referido anteriormente).

Em todos os trabalhos iniciais do arquiteto Amílcar Pinto verifica-se que é quase uma regra que estes apresentem traços da arquitetura com linhas de construção tradicional. Pode-se também confirmar este facto em **duas habitações destinadas aos magistrados locais, construídas em Serpa**, em 1928. Duas pequenas e tradicionais moradias térreas que, mais uma vez, remontam à tendência de “casa portuguesa”. Os respetivos desenhos chegaram a ser publicados a nível nacional na revista portuguesa *A Arquitectura Portuguesa* (1928, pp. 37-38), mas também a nível internacional na revista francesa *Comment construire sa maison* (1929, p. 29) (Figura 47) e ainda na revista brasileira *A Casa* (1929, p. 26).

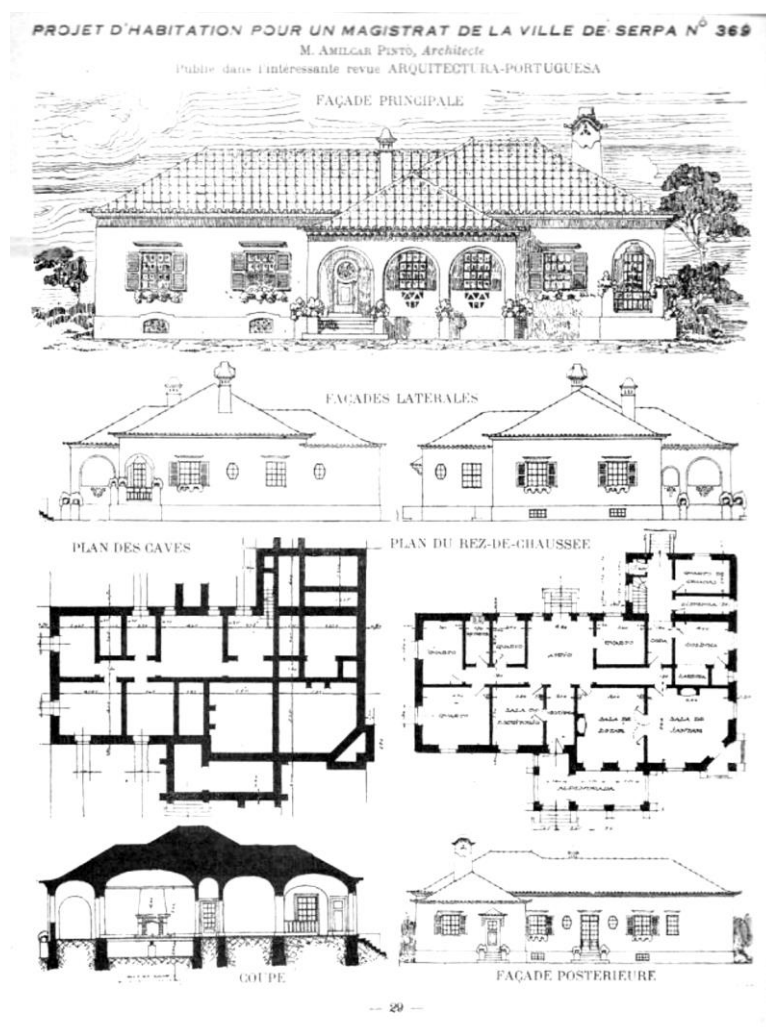


Figura 47 - Artigo com projecto de Amílcar Pinto na revista francesa “Comment construire sa maison “
Fonte: “Project d’habitation pour un magistrat de la ville de Serpa” em *Comment construire sa maison*, Paris, nº 49, 6ème année

A década de 20 correspondeu à primeira fase da carreira de Amílcar Pinto, que incidiu nas zonas das Beiras e Alentejo e que é caracterizada pelo uso de um modelo tradicional que, como já referido, é muito ligado ao estilo da “casa portuguesa”.

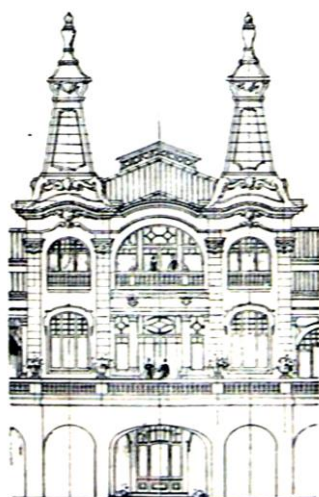
No entanto, no final dos anos 20 surge um projeto que foge a este contexto de escolas primárias e habitações unifamiliares, o Grande Hotel para as Termas de São Pedro do Sul, em 1927 (Figura 48).



Figura 48 - Aspeto do Grande Hotel de São Pedro do Sul

Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.93.

O anteprojecto do mesmo foi, mais uma vez, publicado na revista “*A Arquitectura Portuguesa*”, onde foi igualmente publicado o anteprojecto de um Casino para as termas (Figuras 49 e 50), mas que acabou por não ser executado. Contudo, o conjunto que acabou por ser edificado não corresponde a nenhum dos dois projetos publicados, pensa-se que pode ter resultado de uma união dos dois, apresentando vários elementos construtivos e decorativos de cada um. Atualmente, o INATEL Palace São Pedro do Sul (Figura 51) conta com inúmeras alterações em relação com o edificado na altura.



Detalhe Corpo Central

Figura 49 - Projeto para Grande Casino nas Termas de São Pedro do Sul

Fonte: *A Arquitectura Portuguesa* - revista mensal de construção e arquitectura prática, Julho de 1927, p.49.



Corpo central da fachada principal

Figura 50 - Projeto para o Grande Hotel nas Termas de São Pedro do Sul

Fonte: *A Arquitectura Portuguesa* - revista mensal de construção e arquitectura prática, Julho de 1927, p.21.



Figura 51 - Fachada Principal do atual INATEL Palace São Pedro do Sul
Fonte: <http://www.hotel-r.net/im/hotel/pt/inatel-palace-s-pedro-do-sul-16.jpg>

A chegada da década de 30 aproxima Amílcar Pinto de temas arquitetura contemporânea, fruto do seu envolvimento na DGEMN onde colaborou com Adelino Nunes e Jorge Segurado. A realidade política e social do país estava associada à mudança, pois o Estado Novo apoiou a vanguarda e as necessidades das populações potenciaram respostas modernas aos problemas infraestruturais (Tostões A. d., 2003, pp. 16-25). Os novos projetos elaborados para a Emissora Nacional (EN) assumem uma rutura na arquitetura tradicional.

Em 1933 Amílcar Pinto participa na obra para os **Estúdios da Emissora Nacional**, na Rua do Quelhas em Lisboa, juntamente com Adelino Nunes e Jorge Segurado. Atualmente o edifício encontra-se ocupado pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) (Figura 52). No projeto em questão verifica-se uma combinação entre um modelo clássico com pormenores decorativos modernos e o seu interior, uma proposta *art deco* (Figuras 53) (Noras, 2011, p. 38). Trabalho este que marcou o início da sua atividade na, atualmente extinta, DGEMN²³.



Figura 52 - ISEG (antiga Emissora Nacional)
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.121.



Figura 53 - Interiores da Emissora Nacional
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.121.

²³ A partir de 2008 foi substituída pelo IHRU (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)

Na ordem cronológica de obras de Amílcar Pinto destacam-se ainda projetos destinados às Estações de CTT, fruto da sua parceria com Adelino Nunes. Pois Adelino teve um papel fundamental ao integrar a Comissão para os Novos Edifícios dos Correios, Telégrafos e Telefones (CNE/CTT), sendo-lhe ainda atribuído a autoria de grande parte dos 87 edifícios que esta viria a concluir.

Exemplo desta parceria é a **Estação dos CTT de Ponte de Lima** (Figuras 54 e 55), inaugurada a 1936, que é classificada como a primeira expressão de modernidade na vila, mas que, no entanto, acabou por ser demolida nos anos 70 e substituída pelo edifício atual, que para além de ter voltado ao estilo tradicional veio confirmar as ideologias que não aprovavam ou desejavam o moderno (Noras, 2011, pp. 106-107). Como um dos primeiros edifícios deste tipo, tudo indica que terá sido um projeto anterior ao desenvolvimento dos modelos tipo de estações dos CTT. Este apresenta uma fachada em gaveto com linhas próprias das novas lógicas formais associadas ao modernismo e a porta principal em ferro foi decorada com motivos padrão dos CTT, estudos em que Amílcar Pinto participou (Noras, 2011, p. 152).



Figura 54 - Estação de Correios, Telégrafos e Telefones de Ponte de Lima

Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.150.

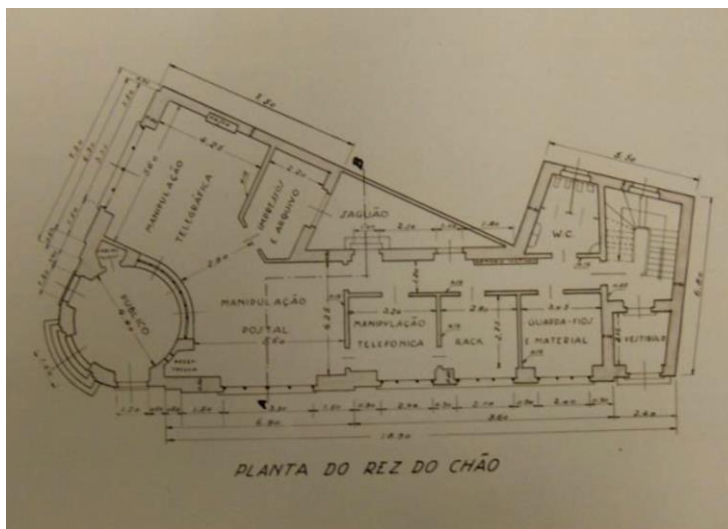


Figura 55 - Planta do Projeto para a Estação dos CTT de Ponte de Lima

Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume I. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.107.

Em 1938 surge outro projeto destinado a este tipo de funções, a **Estação dos CTT de Santarém**, que, mais uma vez, resulta da colaboração entre Amílcar Pinto e Adelino Nunes (Figuras 56 e 57). Considera-se um projeto com um modelo que atingiu a sua maturidade e técnica comparativamente ao de Ponte de Lima (Noras, 2011, p. 107). Apresenta motivos geométricos tanto no exterior como no interior que é bastante marcado pela boa iluminação

preferencialmente natural e pelo seu mobiliário que poderá ter sido desenhado por Amílcar Pinto. A dinâmica da sua fachada desenhada em gaveto (característica que se verificou também no exemplo anterior) define o espaço (Noras, 2011, pp. 198-199).



Figura 56 - Estação dos CTT de Santarém em 1978
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.197.



Figura 57 - Aspeto atual da Estação dos CTT de Santarém
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.197.

Deste ano (1938) surgiram mais dois projetos para Estação dos CTT, uma delas no Fundão e outra em Viseu. Inaugurada pelo Estado Novo, a **Estação dos CTT do Fundão** (Figura 58) acabou por ser demolida nos anos 60 (Noras, 2011, p. 113). Neste edifício existe um telhado de quatro águas e um corpo central que se destaca na fachada, ladeado por dois terraços sobre o primeiro piso. A decoração da porta parece seguir as linhas das decorações projetadas por Amílcar Pinto para os CTT (Noras, 2011, p. 67).



Figura 58 - Antiga Estação dos CTT do Fundão
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.66.

Quanto à **Estação de Viseu** (Figuras 59 e 60), esta que assumiu o compromisso estético na linha do “Português Suave” (Noras, 2011, p. 111), apresenta uma planta octogonal (Figura 61) com

(Arquivo Histórico da Fundação para as Comunicações), que pode revelar novos dados sobre a autoria de vários desenhos de imóveis deste género.

Amílcar Pinto destaca-se ainda como autor na produção de Cine Teatros, que constituíram equipamentos ícone do tempo moderno (Silva S. C., 2010, p. 12), desenvolvendo projetos de dois tipos, Cine Teatros contruídos de raiz (Almeirim, Gouveia, Alcácer do Sal e Abrantes) e adaptações de teatros a Cine Teatros (Santarém e Évora) - os projetos para Abrantes e Évora acabaram por não ser realizados. Com 6 projetos da sua autoria (conhecidos), Amílcar Pinto encontra-se entre os principais autores de Cine Teatros em Portugal (Noras, 2011).

Em 1938 é inaugurado o **Teatro Rosa Damasceno, em Santarém**, fruto de um projeto de reabilitação para o espaço da responsabilidade de Amílcar Pinto (Figura 63). Notava-se claramente uma forte influência de determinados modelos que moldavam a estética da altura, como é o caso do Éden-Teatro e do cinema Tivoli (Noras, 2011, p. 124). Este projeto de remodelação apresenta uma transformação radical, pois todo o seu interior foi demolido, sendo apenas aproveitadas algumas paredes-mestras. O novo espaço adequava-se perfeitamente à dupla função teatral e cinematográfica, onde esta última prevalecia no recorte e desenho da sala. De notar ainda que foi no desenho da configuração interior que onde Amílcar Pinto impôs a sua imaginação estética, uma vez que o 1º balcão estava assente num plano inclinado de vigas e nesse mesmo plano surgem duas alas de camarotes que dão a ilusão de continuidade lateral do teto da plateia. O 2º balcão foi edificado num plano inclinado sobre o primeiro. A curva dinâmica do cilindro central da fachada principal domina por completo o desenho da mesma, a *bow window*²⁴ (Figura 64), que impõe uma função fundamental na vertical, acentuando a verticalidade assumida pelas linhas do conjunto (Noras, 2011, pp. 206-207).



Figura 63 - Teatro Rosa Damasceno, em Santarém
Fonte: Próprio autor



Figura 64 - Janela cilíndrica do Teatro Rosa Damasceno
Fonte: Próprio autor

²⁴ Janela saliente curva.

O **Cine Teatro de Almeirim** (Figura 65), inaugurado a 1940, está implantado numa zona de expansão do núcleo urbano, junto ao principal jardim da cidade. Este projeto obedece “às regras de estabilidade, conforto e segurança necessárias em construções desta natureza e de harmonia” (Pinto, 1940). Uma construção mista em alvenaria ordinária, alvenaria de tijolo e blocos de cimento e betão. A sua fachada principal apresentava-se em alvenaria ordinária e posteriores laterais formadas por uma escultura de pilares de betão armado, ligados por vigas, recebendo todas as cargas da construção (Figura 66). Ainda a cerca da fachada principal, esta dispõe de quatro portas de acesso, a porta exterior da esquerda dava acesso à escadaria que servia o balcão, a porta exterior do lado direito dava acesso a um vestíbulo, onde se encontrava a bilheteira da plateia. As duas portas centrais eram destinadas à saída do público diretamente da plateia para o exterior. O arquiteto ainda previa que: “entre as 3 portas da frente principal haverá 2 caixas na parede para afixação de cartazes ou fotografias, levando um caixilho em ferro e vidro” (Pinto, 1940).

O Cine Teatro de Almeirim acabou por passar algumas dificuldades (como aconteceu em inúmeras zonas do país) até ser definitivamente encerrado, até surgir um concurso lançado pela Camara Municipal de Almeirim para a sua reabilitação. É mantido e valorizado o desenho da fachada existente, quanto ao seu interior, este foi demolido quase na sua totalidade sendo apenas mantida a estrutura (Ruivo, 2001).



Figura 65 - Cine Teatro de Almeirim
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.165.



Figura 66 - Cine Teatro de Almeirim Após intervenção
Fonte: Ruivo C. César Ruivo Arquitectos. [Online].; 2001 [cited 2017 Junho 13. Available from: <http://cesarruivoarquitectos.pt/projectos/equipamentos/detalhes.aspx?id=204>.

Cerca de um ano após a inauguração do Cine Teatro, abre portas o **Café Império** localizado na empena lateral do mesmo, projeto este também da autoria de Amílcar Pinto.

Em 1943 juntamente com Jorge Segurado elabora o projeto para a reabilitação do **Teatro Garcia de Resende**, em Évora, com o objetivo de albergar a dupla função teatral e cinematográfica. Este, como já foi referido, não chegou a ser executado.

Em 1942 outro equipamento deste tipo é projetado pelo arquiteto Amílcar Pinto, o **Teatro Cine de Gouveia**. Iniciativa do senhor Lopes da Costa, um industrial da região, juntamente com outros operários do setor têxtil. O projeto destinava-se a ocupar uma zona de expansão urbana da vila junto a um jardim público já existente, criado pelo mesmo industrial (Guerrinha, 1942). Este empreendimento fazia parte de uma estratégia para o desenvolvimento local que mais tarde contou com a criação do Gouveia Hotel (1943), projeto este também da autoria de Amílcar Pinto (Noras, 2011, p. 133). Quanto ao Cine Teatro (Figura 67), esta construção em betão, alvenaria hidráulica, alvenaria de tijolo e madeira dispunha de uma fachada com linhas simples e geométricas e um corpo cilíndrico a rematar a empena esquerda, coberto por ladrilhos quadrículados de vidro (caraterística semelhante à do Teatro Rosa Damasceno, em Santarém, referido anteriormente). O alçado lateral esquerdo (principal no projeto) (Figura 69) dispunha de quatro entradas, uma delas dava acesso ao átrio principal, outra destinava-se a entrada autónoma ao bar junto da plateia, outra de serviço ao bar e outra aos camarins. Este equipamento tinha uma capacidade de 768 lugares sentados (Figura 68) (Pinto, 1942). O projeto para o **Cine Teatro São Pedro, em Abrandades** surge a 1946 e como já referido, também este não chega a ser executado.



Figura 67 - Teatro Cine de Gouveia
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.71.



Figura 68 - Plateia do Teatro Cine de Gouveia
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.71.

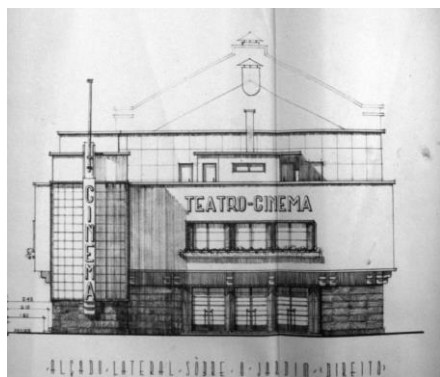


Figura 69 - Alçado Lateral direito do projeto para o Teatro Cine de Gouveia
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.70.



Figura 70 - Alçado Principal do projeto para o Teatro Cine de Gouveia
Fonte: Noras JR. Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte; 2011. p.70.

Recentemente comprovada a sua autoria, em 1948 é construído o **Cine Teatro de Alcácer do Sal**, projeto que se destina “*a uma casa de espetáculos, com salão de chá anexo*” (Pinto, 1947).

A década de 40 assinalou a transição nas obras de Amílcar Pinto, nutando-se uma nova linguagem na sua arquitetura, sendo o Cine Teatro de Gouveia a sua última obra assumidamente moderna, se bem que já se notasse algumas ligeiras soluções de compromisso. As linhas simples, de relação horizontal/vertical e a proporcionalidade dos volumes passam a ser alteradas e aproximam-se de um estilo mais dinâmico com elementos dissonantes.

A partir de 1948 até 1967 Amílcar Pinto projeta uma grande quantidade de obras, maioritariamente para habitação, abandonando os projetos deste tipo de equipamentos públicos como foram as Estações dos CTT e os Cine Teatros. Passa a executar obras a título pessoal, pois em 1946 cessa qualquer ligação com o serviço público.

O projeto para a Casa da família Veiga Maltês, na Golegã (1948); a Moradia para Fernando Salgueiro, em Coruche (1949); a Moradia para António Lopes Costa; em Gouveia (1951); a Moradia para Alberto Maria Bravo, em Lisboa (1954); o Prédio de apartamentos para Guilherme Monteiro, em Santarém (1964); o projeto de reabilitação de uma moradia em Évora (1965), bem como projetos de outro carater como é o caso do projeto de reabilitação para o Bar da sade da Sociedade Recreativa de Ponte de Sor (1963); o picadeiro em Reguengos de Monsaraz (1966) até ao seu último projeto que se destinou a uma habitação para júlio Camilo Fernandes, em Bucelas (1967) são exemplos do que desenvolveu até deixar a sua carreira definitivamente devido a problemas na sua visão (Noras, 2011, pp. 122-123).

Carateriza-se pelo seu traçado simples e geométrico, no entanto, apresenta vários elementos decorativos. Visualmente verificam-se diferentes volumes na sua composição, dando a ideia que se destinam a áreas distintas, como afirma o arquiteto Amílcar Pinto - “acusando quanto possível a localização das principais peças”, como é o caso do diferente traçado dos seus vãos, com o objetivo de “tirar especial partido dos movimentos” (Pinto, 1947).

3.3. Cine Teatro de Alcácer do Sal

O Cine Teatro de Alcácer do Sal surge numa época em que vários equipamentos deste carater são construídos um pouco por todo o território nacional. Conta com uma lotação total de 725 lugares distribuídos em dois sectores sobrepostos, onde o primeiro é absorvido pela plateia e o segundo pelos balcões e camarotes. Está situado no topo da Avenida dos Aviadores que, segundo o seu processo de licenciamento, com data de 19 de fevereiro de 1947 por Amílcar Pinto (recentemente comprovado como autor do projeto), era o local “dos mais recomendáveis e indicados para o efeito” (IGAC, 1947).



Figura 71 - Esquema de proximidades
Fonte: Próprio autor

Situado numa área ladeada por prédios junto à Avenida dos Aviadores, o Cine Teatro de Alcácer do Sal tem como vizinhança o antigo Quartel dos Bombeiros a Noroeste, e um edifício habitacional a Sudeste, bem como a Casa dos Magistrados, recentemente demolida, também a Sudeste. Para além das construções referidas, esta localização dispõe de uma proximidade a alguns elementos importantes que em tempos deram vida à Avenida, considerada, em tempos, como principal de Alcácer do Sal, onde se encontravam os serviços fundamentais à atividade do quotidiano da cidade.

Hoje em dia, apesar de ser a zona ribeirinha a mais privilegiada, visto que é lá que se encontram a maior parte do comércio, restaurantes, hotéis e até a camara municipal e o edifício das finanças, esta zona continua a albergar edificações importantes como é o caso do Mercado Municipal, os CTT's, dois jardins de infância, o tribunal, o jardim municipal, vários bancos, dois lares de idosos (um deles tomou o lugar do antigo centro de saúde de Alcácer), o antigo quartel dos bombeiros (já referido anteriormente), uma sociedade filarmónica e até uma praça de toiros.

O Cine Teatro de Alcácer apresenta uma fachada principal com um desenho simples e geométrico, no entanto, assimétrico, com vários elementos decorativos como são o caso das “fenestraçãoes em óculo”²⁵ que estão muito presentes nas fachadas do edifício assim como a utilização de pedra aparelhada nas suas esquinas (Pinto, 1947).



Figura 72 - Desenho do Alçado Principal existente do Cine Teatro de Alcácer do Sal
Desenho sem escala

O seu desenho assimétrico denuncia as diferentes funções contidas no edifício, que segundo o arquiteto caracterizam-se por serem “linhas sóbrias” que procuram “tirar partido do movimento, acusando quanto possível a localização das principais peças” (Pinto, 1947).



Figura 73 - Desenhos dos Alçados Nascente e Poente do Cine Teatro de Alcácer do Sal, respetivamente
Desenhos sem escala

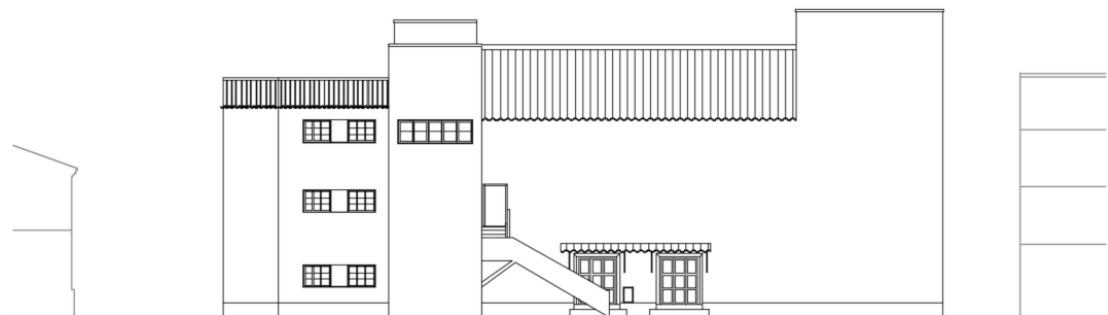


Figura 74 - Desenho do Alçado Tardoz existente do Cine Teatro de alcácer do Sal
Desenho sem escala

²⁵ Aberturas/janelas circulares.



Figura 75 - Cine Teatro de Alcácer do Sal

Fonte: Próprio autor

Esta solução demonstra um certo recuo perante a vanguarda deste tempo, no entanto continua a manter vários elementos modernos que exalta a versatilidade do arquiteto (Noras, 2011, p. 123).

Este edifício é constituído por três pisos, em que no primeiro, correspondente ao rés do chão, encontram-se duas entradas principais, uma destinada à zona de *hall* da sala de espetáculos, onde se encontram as bilheteiras e a entrada para a respetiva sala, enquanto a outra, centrada na fachada principal do edifício, destina-se a um estabelecimento de restauração, um “salão de chá”, que mais tarde passou a ser um restaurante. Este último é integrado no próprio edifício, com um acesso independente (como referido) e ligação ao átrio do Cine Teatro pelo seu interior, (Noras, 2011, pp. 122-123) e ainda um acesso direto à sala de espetáculos. Encontra-se uma outra entrada na lateral esquerda do edifício, no entanto esta destina-se exclusivamente aos serviços da sala de espetáculos, uma vez que dá acesso aos camarins e palco. (Silva S. C., 2010, pp. 154-155)

Atualmente o Cine Teatro de Alcácer do Sal não apresenta um estado de degradação muito elevado, no entanto encontra-se ao abandono e a começar a ruir em algumas zonas do seu interior, o que faz com que o valor para a sua necessária recuperação se torne cada vez mais elevado. Muito recentemente todas as suas entradas e janelas foram fechadas e por isso hoje em dia já nem é possível visitar o seu interior.

As paredes estruturais exteriores apresentam uma construção robusta e as interiores apresentam-se intactas e até em bom estado de conservação, apresentando apenas algumas infiltrações no último piso. As áreas que apresentam um completo estado de degradação são as zonas destinadas aos camarins e a zona do palco, pois a cobertura começou a abater. No último piso (zona da sala de projeção) também se verificou alguma degradação ao nível da cobertura e as paredes apresentam alguns sinais de infiltrações devido às chuvas.

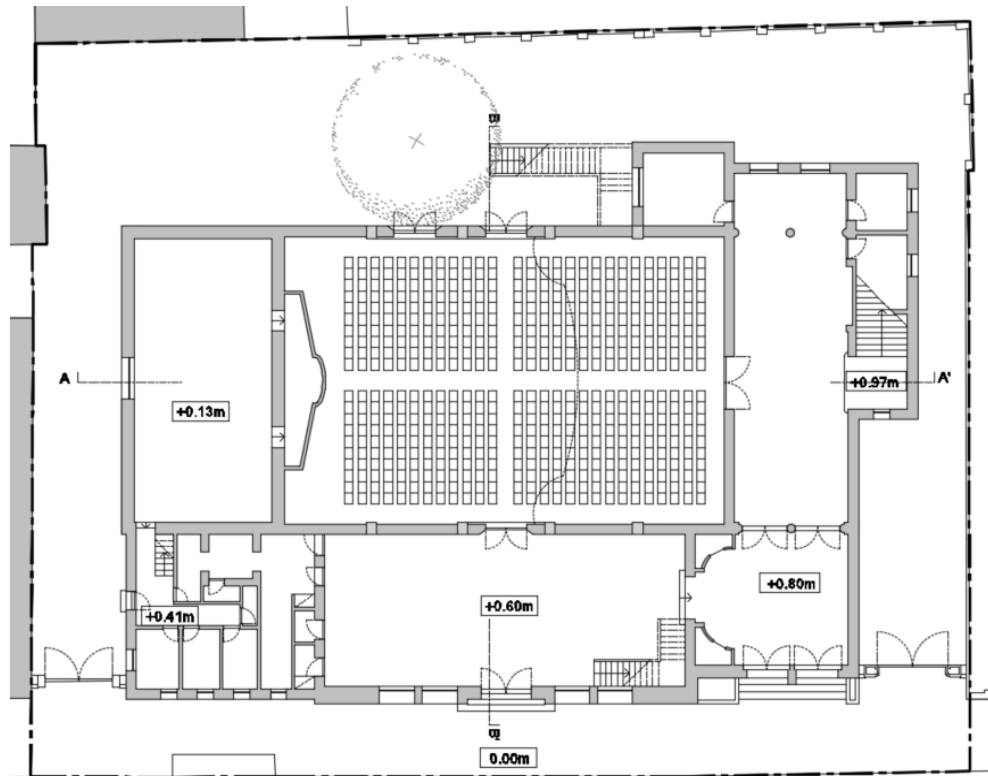


Figura 76 - Existente. Planta do piso 0 do Cine Teatro de Alcácer do Sal
Desenho sem escala

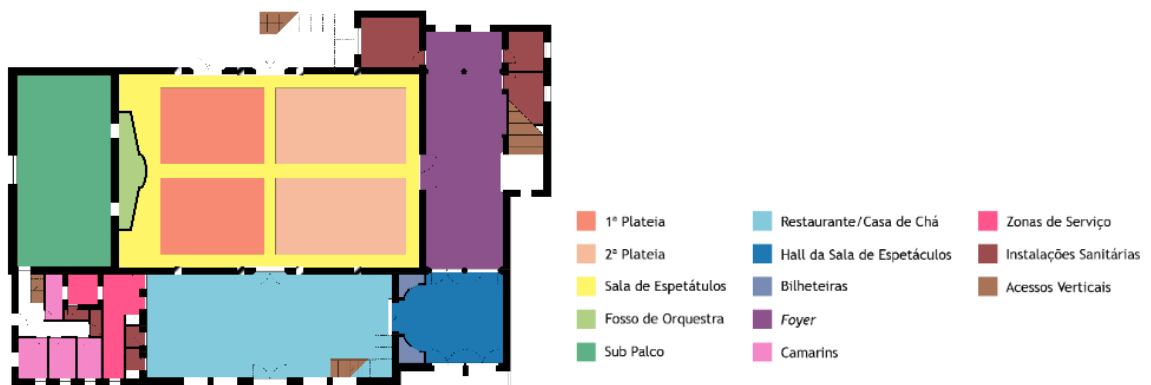


Figura 77 - Hall da Sala de Espetáculos
Fonte: Próprio autor



Figura 78 - Sala de Espetáculos
Fonte: Próprio autor

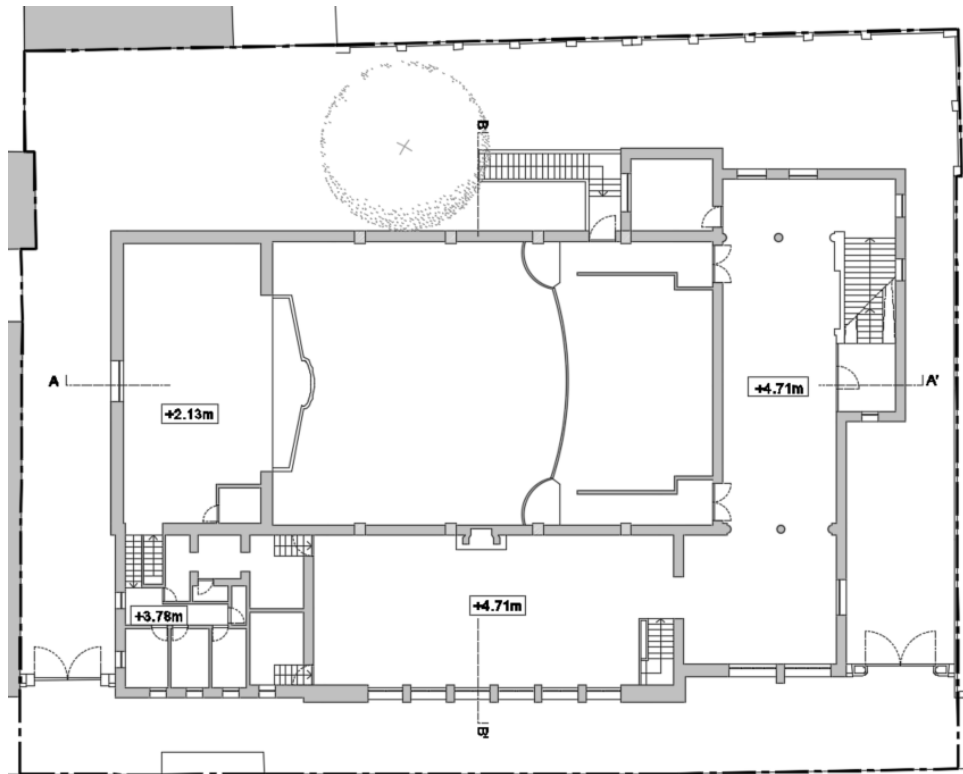


Figura 79 - Existente. Planta do piso 1 do Cine Teatro de Alcácer do Sal
Desenho sem escala

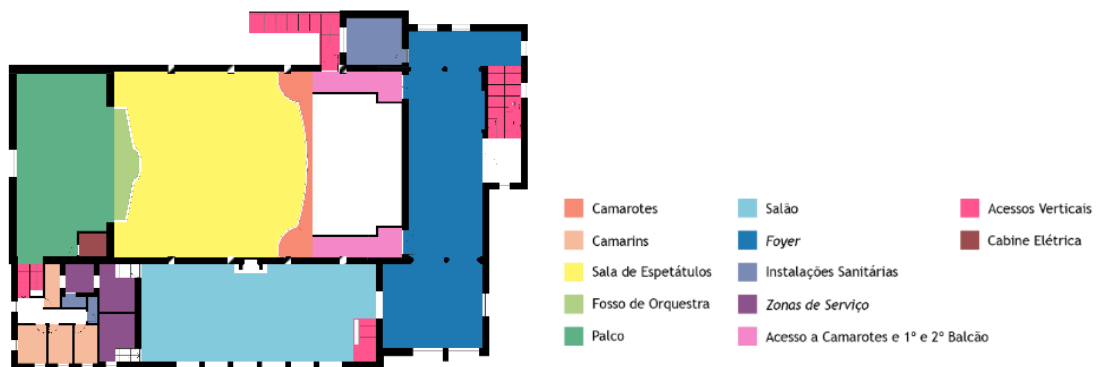


Figura 80 - Salão
Fonte: Próprio autor



Figura 81 - Foyer, Piso 1
Fonte: Próprio autor



Figura 82 - Vista para o 1º e 2º Balcão
Fonte: Próprio autor

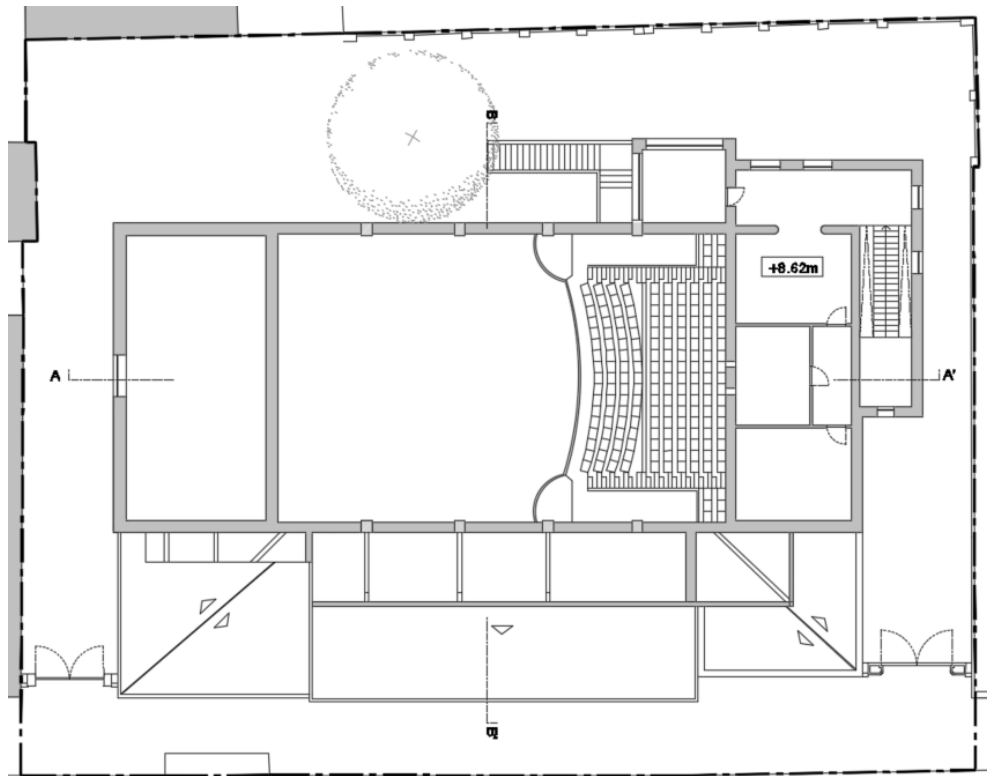


Figura 83 - Existente. Planta do piso 2 do Cine Teatro de Alcácer do Sal
Desenho sem escala

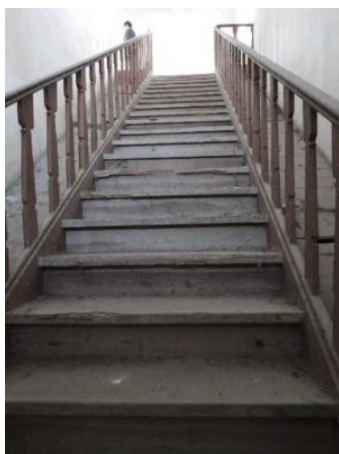
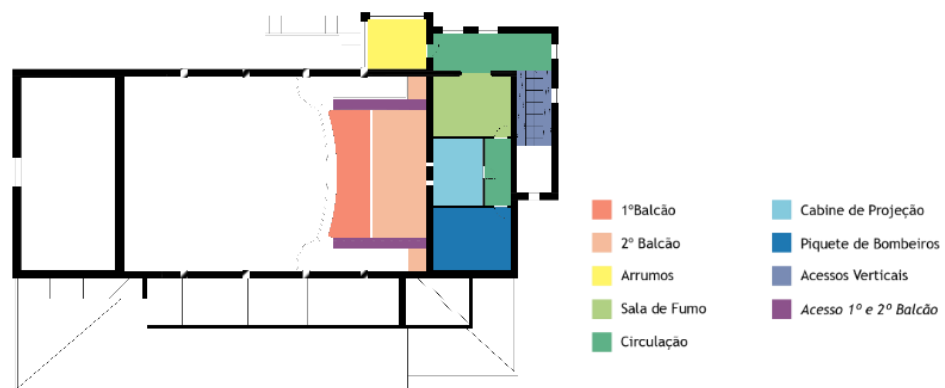


Figura 84 - Acesso para o piso 2
Fonte: Próprio autor



Figura 85 - Sala de arrumos
Fonte: Próprio autor



Figura 86 - Cabine de projeção
Fonte: Próprio autor

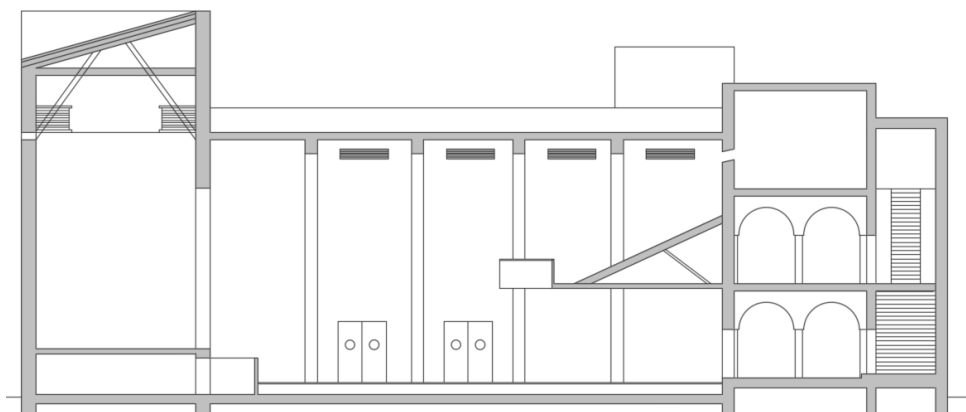


Figura 87 - Corte Longitudinal A-A', Cine Teatro de Alcácer do Sal
Desenho sem escala

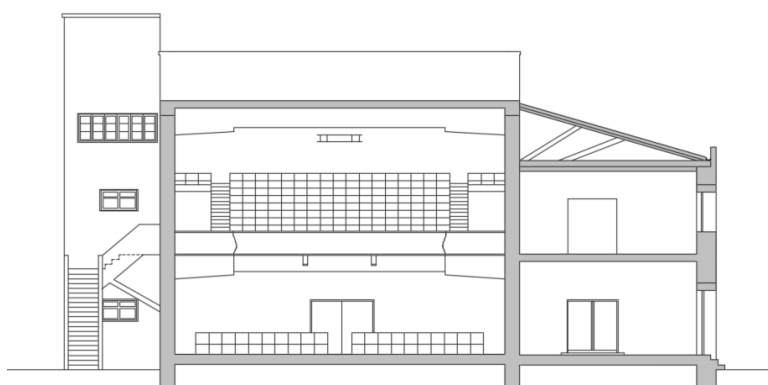


Figura 88 - Corte Transversal B-B', Cine Teatro de Alcácer do Sal
Desenho sem escala

Esta análise ao edifício feita no local tornou-se fundamental para a elaboração do projeto, uma vez que foi o ponto de partida para todo o processo, permitindo observar e analisar o espaço e o estado de conservação do imóvel, bem como quais seriam as estruturas que poderiam vir a ser mantidas.

Capítulo IV

4. Novos Usos: Proposta de Reabilitação do Cine Teatro de Alcácer do Sal

4.1. Memória Descritiva e Justificativa

A escolha deste edifício como objeto de estudo e intervenção surge, não só por carência de condições e de espaços físicos para a realização de atividades culturais em Alcácer do Sal, mas também da perceção, como residente, da degradação tanto do Cine Teatro como da sua área envolvente. Uma zona que se caracterizava por ser fortemente frequentada como um local social e cultural, onde se continua a verificar alguma afluência, no entanto, atualmente limita-se a zona de passagem, mesmo sendo uma área onde se encontram serviços fundamentais como correios, bancos, mercado, etc. É também uma zona Ribeirinha de interesse para requalificação.

Deste modo, esta problemática vem ao encontro de um ramo da arquitetura pessoalmente cativante, pois a reabilitação tem-se tornado uma área em expansão e uma vez que Portugal tem um vasto património construído, torna-se uma mais valia reabilitar este tipo de edifícios que muitas das vezes estão em degradação ou até ao abandono, acabando mesmo por desaparecer.

É o caso do Cine Teatro de Alcácer do Sal, um edifício abandonado que invoca memórias aos alcacerenses, que claramente marca a sua posição na malha urbana e que outrora foi o centro das atenções da cidade. Torna-se importante preservar o património construído dando-lhe uma nova vida, uma vez que este edifício ficou parado no tempo e o mesmo se tem encarregue da sua degradação.

Consequentemente é essencial haver uma reestruturação do programa original deste tipo de equipamentos, porque as suas funções iniciais caíram em desuso, levando à sua decadência. Torna-se assim necessário pensar em estratégias alternativas ou complementares para que estes sejam reintegrados na sociedade.

4.1.1. Enquadramento

Alcácer do Sal, uma cidade com uma imagem visual peculiar, desenvolvida ao longo de uma colina onde encontra, no seu cimo, o castelo da cidade é o local onde assenta a proposta para a reabilitação do Edifício Cine Teatro, mais concretamente localizado na Avenida dos Aviadores. Avenida que dispõe de uma via de acesso principal, a Nacional 5 (N5), que acaba por

atravessar a cidade. Paralela a esta encontra-se outra via de acesso mais secundária que cruza a frente principal da proposta.

Para a definição do programa do edifício foi crucial a recolha de informação de outros projetos já executados, a análise dos casos de estudo e principalmente um primeiro enquadramento do edifício ao local. Tendo sido fundamental a consulta do *Plano Diretor Municipal* (PDM) de Alcácer do Sal, uma vez que o edifício se encontra em solo urbano numa zona ameaçada por cheias.

Esta circunstância obriga a que seja respeitado o artigo 18º do regulamento do PDM de Alcácer do Sal que frisa que está “(...)interdita a construção de novas edificações; nas edificações existentes, é interdita a construção de caves; (...) nas obras de reconstrução, assim como nas obras de ampliação, (...) devem ser adotadas as medidas adequadas de proteção contra cheias (...); é obrigatória a utilização de pisos premiáveis nos pavimentos de espaços verdes, áreas de equipamentos que recebam público (...)”.

Outra característica da implantação deste edifício prende-se com o facto de se encontrar em espaço central, que diz respeito aos núcleos antigos da cidade de Alcácer do Sal caracterizados “pela sua dinâmica económica e social e características funcionais, arquitetónicas, históricas, patrimoniais e morfológicas”, abrangido pelo artigo 78º que visa a “conservação e a reabilitação do edifício existente (...); a requalificação de espaços intersticiais degradados ou devolutos; a salvaguarda e a promoção do património arquitetónico (...)”. Ainda dentro dos espaços centrais são admitidas obras de construção, reconstrução, alteração, ampliação, demolição e conservação, desde que respeitem “os alinhamentos de fachada existentes (...); o número máximo de pisos admitidos acima da cota de soleira é quatro pisos (...)”.

Estas particularidades tornaram-se um ponto de partida para a ideia/conceito base da proposta, uma vez que se trata de um edifício com um valor patrimonial e histórico entende-se que o seu traçado original deve ser mantido tanto quanto possível, preservando os seus elementos históricos, a própria identidade e memória. Também se revelou importante respeitar as cotas interiores do projeto original, que se mostram mais elevadas que a cota de soleira, bem como o número máximo de quatro pisos, como o projeto original já conta com três pisos, apenas é permitido que se adicione mais um.

4.1.2. Metodologia/Conceito/Estratégia

O enquadramento inicial tornou-se a base da proposta de reabilitação, pois os opostos ocupam um papel fundamental na metodologia da proposta, dado a dicotomia da implantação do edifício, uma vez que as suas duas frentes se dividem entre o espaço rural e o espaço urbano. Essa dicotomia do local despertou uma reação quase imediata de conjugar as duas frentes do

edifício, que acaba por se refletir numa vista panorâmica no último piso, tornando-se o local mais propício para se realizar esta ligação visual, pois o edifício em questão é ladeado pelo antigo Quartel dos Bombeiros do seu lado direito e sua traseira (a Noroeste) e um prédio habitacional à sua esquerda (a Sudeste).



Figura 89 - Vista do interior do Cine Teatro de Alcácer do Sal
Fonte: Próprio autor

Ao iniciar a abordagem ao estudo do edifício existente, constatou-se que algumas zonas se encontravam em tal estado de degradação, que não se justificava a sua recuperação, como é o caso da zona de palco, as zonas destinadas a camarins e a zona destinada à projeção.



Figura 90 - Vista do Palco e Fosso de orquestra do Cine Teatro de Alcácer do Sal
Fonte: Próprio autor



Figura 91 - Cobertura da zona de camarins do Cine Teatro de Alcácer do Sal
Fonte: Próprio autor

Optou-se assim, por manter as linhas e características da fachada principal, uma vez que se trata de um imóvel importante para a cidade, projetado por Amílcar Pinto e com características do Estado Novo. Decidiu-se ainda que as paredes estruturais deveriam ser aproveitadas, assim como os *Foyers*, sala de espetáculos e Balcão.

A ideia passou por manter o máximo possível do interior, reestruturando a morfologia dos espaços com novas funções e usos. O volume que se encontra na extremidade direita do edifício é prolongado, a fim de criar novos espaços de instalações sanitárias e uma nova circulação vertical; adicionou-se um novo volume na parte traseira do edifício que se destina a serviços; e ainda se acrescentou um novo piso de modo a completar o programa. São mantidos os acessos principais virados para a avenida dos Aviadores, mas reposiciona-se ligeiramente o acesso aos serviços. Criam-se ainda um acesso destinado a cargas e descargas e uma saída de emergência nas traseiras do edifício.

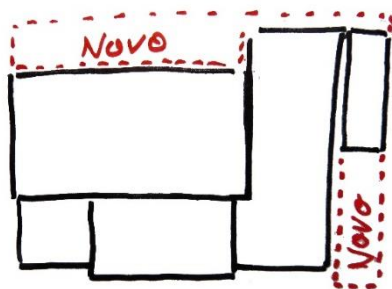


Figura 92 - Esquema de prolongamento e adição de volumes

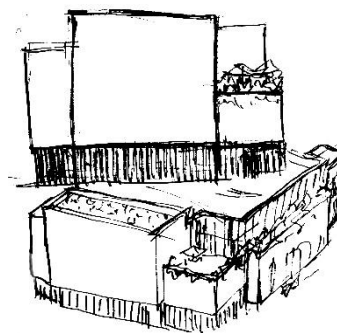


Figura 93 - Esquícios do estudo de fachada nascente e volumetria da proposta

Manter as linhas estruturais do edifício bem como as volumetrias denunciadoras das funções interiores, tem a intenção de remeter o usuário às memórias deste espaço, para que o Cine Teatro possa assumir um papel de destaque e simbolismo que outrora possuiu.

No entanto, com o prolongamento de um bloco e as duas novas adições, tornou-se essencial manter a harmonia no desenho dos alçados do edifício. Primeiramente, através de fotografias antigas, constatou-se que na fachada principal original, o bloco central apresenta cor branca e não avermelhada como se verifica hoje em dia.



Figura 94 - Vista do cine Teatro de Alcácer do Sal em 1950 e em 2017, respetivamente
Fonte: Arquivo pessoal Arquitecto Paulo Sousa e Próprio autor, respetivamente

Esta foi a base para a metodologia no redesenho das fachadas, que resultou em incluir um apontamento da mesma cor e material dos blocos vermelhos laterais em todas as vistas do edifício. Para além disso, verificou-se ainda a forte presença das janelas circulares (em oculo) e como são importantes na leitura do edifício, esta inspiração foi motivadora para que fosse utilizada uma chapa metálica branca com metal microperfurado, que permite visualizar através do exterior a luz projectada pelo interior, mas resguardando o mesmo e mantendo o especto do alçado na sua globalidade. Característica esta que surge com o intuito de estabelecer uma ligação entre fachadas utilizando este material principalmente nos novos blocos criados, mas perceptível nas quatro vistas, possibilitando um jogo de luz/sombra no interior do edifício e uma certa uniformidade no exterior do mesmo.

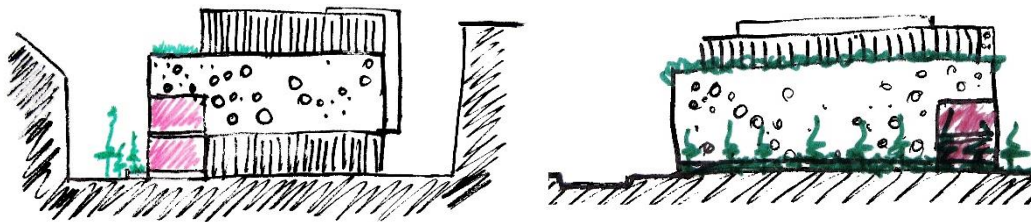


Figura 95 - Esquços de estudo de fachadas, Tardoz e Poente, respetivamente

Quanto ao interior do edifício, uma das ideias fundamentais do projeto assenta na multifuncionalidade, este foi o conceito chave para a elaboração de um programa objetivo que permita o permanente funcionamento do edifício. Esquematizando áreas definidas de características públicas, semipúblicas e privadas/de serviços.

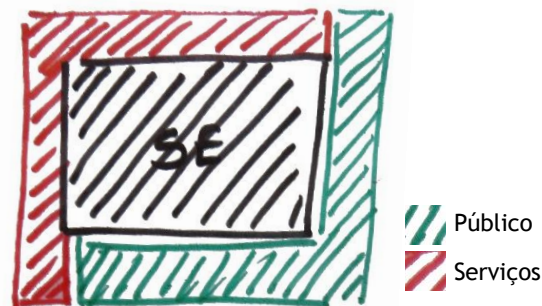


Figura 96 - Esquema base de divisão do Programa

4.1.3. Programa

Apesar de se constatar que o programa original do Cine Teatro se tornou obsoleto propõe-se que o mesmo seja mantido, no entanto, complementado com um novo programa que mantenha o seu constante funcionamento, dando continuidade à atividade cultural e mantendo o seu carácter de edifício público.

Assim, o programa para o edifício em questão divide-se em quatro partes: uma destinada ao **Público** espectador, utilizador da sala de espetáculos e respetivos *foyers*; outra de caráter **Semipúblico**, mais virada para a parte artística, que engloba zonas de camarins, mas também salas de ensaios e aulas/workshops; outra de **Restauração**, que se divide por si só em duas zonas mas que pretendem estar interligadas num único espaço, destinada ao público em geral; e por fim, outra de **Serviços** de apoio a todo o edifício e suas diferentes tipologias de programa.

Relativamente à parte destinada ao **Público** utilizador da sala de espetáculos, esta desenvolve-se em dois pisos (Piso 0 e Piso 1). A sala de espetáculos/polivalentes tem uma lotação total de 446 lugares mais 2 de mobilidade condicionada (no balcão) que são distribuídos da seguinte forma: 323 na plateia; 10 distribuídos por dois camarotes; e 113 no balcão.

A fim de tornar num programa mais flexível, a sala de espetáculos tem a particularidade de se tornar numa sala polivalente, livre de plateia. Esta característica torna-se possível graças a um sistema de barras escondidas no chão, onde estão dispostos os acentos, e ao ser acionado estes são cobertos por tampas sob o pavimento.

Este sistema possibilita uma maior liberdade no uso do espaço, não confinando o mesmo apenas às funções originais, mas também a outro tipo de atividades como concertos, conferências, exposições, teatros, eventos, cinema, etc. Torna-se até possível selecionar o número de lugares desejado, bem como lugares para espetadores com mobilidade reduzida.

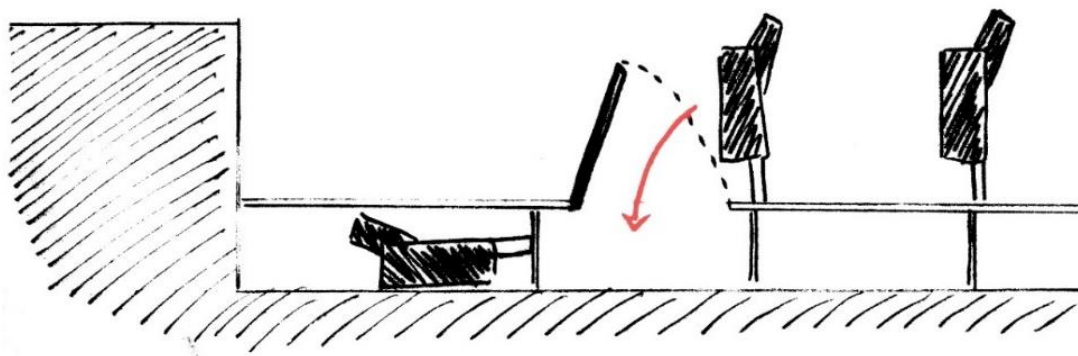


Figura 97 - Esquema/Esquício para tornar a Sala de Espetáculos em Sala Polivalente

Esta sala dispõe de um fosso de orquestra que já se encontrava no projeto original do Cine Teatro. Este elemento foi mantido, mas reestruturado, dando-lhe uma linguagem mais simples e funcional. Este fosso tem a particularidade de se adaptar às necessidades ao ser coberto ou descoberto.

O palco foi completamente repensado e reconstruído, pois estava em péssimas condições (como antes referido). Este foi aumentado, tanto em profundidade como na sua largura, para que

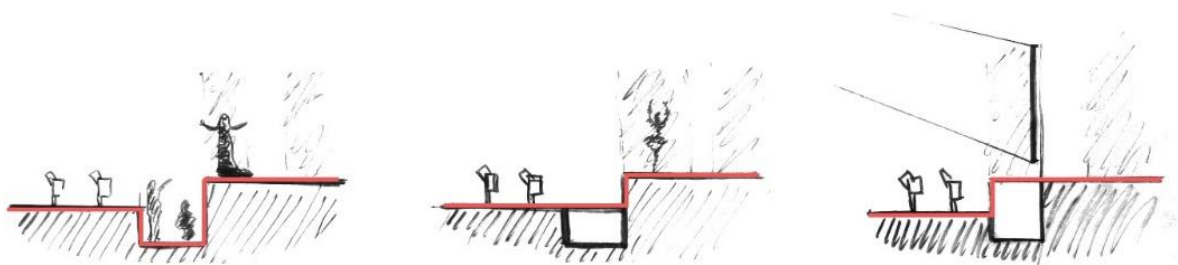


Figura 98 - Diagrama Funcional - Palco

fosse possível não só uma livre ocupação do mesmo, como a circulação nas suas extremidades, usadas para pormenores técnicos relativos às diferentes formas de espetáculo.

Associados a esta sala encontram-se os respetivos *foyers* (um no Piso 0 e outro no Piso 1) que englobam locais de espera e estar, zona de bar, instalações sanitárias e até um acesso a um terraço exterior.

Quanto à zona de caráter **Semipúblico**, destinada a Camarins e Salas de Ensaio e Aulas/*workshops*, é uma área que tem esta denominação pelo facto de poder ser utilizada apenas quando solicitada, pois em Alcácer existem várias instituições e associações ligadas ao mundo do espetáculo, nomeadamente grupos de teatro e revista, de dança e bandas filarmónicas. Estes espaços seriam uma mais-valia para agrupar estas entidades num único. Poderá ser ainda utilizada para possíveis novos projetos de carácter cultural e educacional.

A zona de carmins dispõe de três espaços de diferentes dimensões, que podem ser usados tanto por grupos como individualmente. No andar a cima encontra-se então a parte mais educacional, pois engloba uma grande sala de ensaios que pode servir tanto para ensaios de banda, como dança, teatro, etc. Esta área também dispõe de uma sala mais reduzida que se destina a aulas ou *workshops* das mais variadas temáticas, bem como uma zona admirativa desta parte mais artística com um gabinete de direção e uma sala para reuniões. Toda esta zona está servida com uma instalação sanitária e partilha uma área de espera/convívio que tem a particularidade de integrar uma abertura envidraçada que possibilita visualizar a sala de

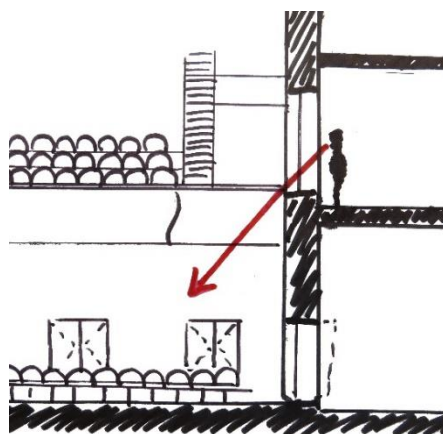


Figura 99 - Esquízo da abertura na sala de espera/convívio para a sala de espetáculos/polivalente

espetáculos/polivalente através da mesma. Prevê-se ainda que esta abertura incorpore um sistema que oculte a mesma, a fim de impossibilitar a passagem de luz quando a sala assim o exigir.

Esta nova área vem completar o programa original do Cine Teatro com o objetivo de dotá-lo com novas possibilidades para o universo artístico e educacional.

Quanto à **Restauração**, surge como um novo volume pela necessidade de existir um espaço social aberto ao público em geral a fim de tirar o maior partido do uso deste edifício. O acesso para estes espaços é feito pela entrada principal, diretamente para o Café/Bar, com direito a esplanada, e apenas depois para o restaurante. Estes dois espaços partilham de uma área em *open space* que permite uma perceção panorâmica das duas frentes do edifício, conectando o rural (campos de cultivo de arroz e Rio Sado) à malha urbana.

Por fim, a zona de **Serviços** distribui-se pela totalidade dos pisos, num bloco criado apenas para esse fim.

No Piso 0 encontram-se zonas técnicas de apoio à sala de espetáculos como armazéns de iluminação e cenografia e uma sala multiusos que se destina a usos temporários como por exemplo oficina de cenários e iluminação, ou armazém de instrumentos musicais ou até de figurino, e ainda uma zona de resíduos sólidos destinada ao depósito de resíduos de todo o edifício.

O Piso 1 é inteiramente destinado aos funcionários do edifício, dispõe de zonas de vestiários e uma zona de convívio.

Quanto ao piso 2, este destina-se a zonas técnicas relativas à eletricidade, como zona de baterias, controle de correntes de baixa tensão, controlo de correntes de média tensão, transformadores e ainda uma zona onde se insere a ventilação responsável pela climatização do edifício. Ainda neste piso são dispostas zonas ligadas à atividade cinematográfica, como é o caso da sala de projeção, com uma antecâmara incorporada, uma zona de arquivo e um gabinete.

No último piso (Piso 3), encontra-se a cozinha que serve a sala de refeições do Restaurante. Esta zona divide-se em três áreas distintas que respeitam um circuito de circulação definido de modo a que estas não entrem em conflito consoante a sua função. São elas: a zona de lavagem; zona de refrigeração e armazenamento; e cozinha.

Nas seguintes tabelas é descrito um resumo dos espaços que se distribuem ao longo dos diferentes pisos com as respetivas áreas e as áreas totais de cada zona do programa.

Tabela 2 - Resumo dos espaços por piso

Zona	Espaço	Área (m ²)
Piso 0		
Público	<i>Hall</i>	108.4
	Receção	10.5
	Bengaleiro	6.8
	Biblioteca	36.0
	Foyer	82.2
	Bar	6.6
	Armazenamento <i>Bar</i>	4.0
	Instalações Sanitárias	27.2
	Plateia	233.3
	Terraço	19.0
Semipúblico	Controlo	8.2
	Camarin	22.6
	Instalações Sanitárias	4.8
Serviços	Armazém de Cenografia	7.8
	Armazém de Iluminação	7.8
	Sala Multiusos	11.1
	Resíduos Sólidos	19.2
	Instalações Sanitárias	5.1
Piso 1		
Público	Foyer	122.9
	Bar	4.8
	Armazenamento Bar	3.9
	Instalações Sanitárias	20.2
	Balcão	102.6
	Terraço	19.0
Semipúblico	Sala de Ensaios	66.4
	Arrumos Sala Ensaios	11.6
	Sala de aulas/ <i>workshops</i>	19.1
	Gabinete	23.8
	Instalações Sanitárias	4.8
	Arrumos Semipúblico	4.9
	Zona de Espera/Estar	16.0
Serviços	Vestiários	34.8
	Sala de Convívio	19.7
	Instalações sanitárias	5.1
Piso 2		
Restauração	Instalações Sanitárias	27.0
	Zona de Espera/Estar	8.6
	Bar	100.7
	Armazenamento Bar	9.3

	Esplanada	51.1
Serviços	Zona Técnica - Eletricidade	46.7
	Ventilação	16.4
	Sala de Projeção	15.4
	Antecâmara	5.2
	Arquivo	12.0
	Gabinete	27.1
	Instalações Sanitárias	5.1
Piso 3		
Restauração	Sala de Refeições	196.8
	Zona de Espera	31
	Instalações Sanitárias	16
Serviços	Zona de Lavagem	9.3
	Refrigeração e armazenamento	15.6
	Cozinha	33.8

Tabela 3 - Áreas Totais das diferentes tipologias do programa

Zona	Piso	Área por Piso (m ²)	Área Total (m ²)
Público	Piso 0	534.0	807.4
	Piso 1	273.4	
Semipúblico	Piso 0	35.65	182.25
	Piso 1	146.6	
Restauração	Piso 2	196.7	440.5
	Piso 3	243.8	
Serviços	Piso 0	51.0	297.2
	Piso 1	59.6	
	Piso 2	127.9	
	Piso 3	58.7	

4.1.4. Funcionamento/Percursos

O edifício Cine Teatro possui entradas distintas, uma para o público, outra para os serviços e utilização das salas de ensaio e de aulas/*workshops*, esta última é controlada através de uma zona de controlo de entradas e saídas.

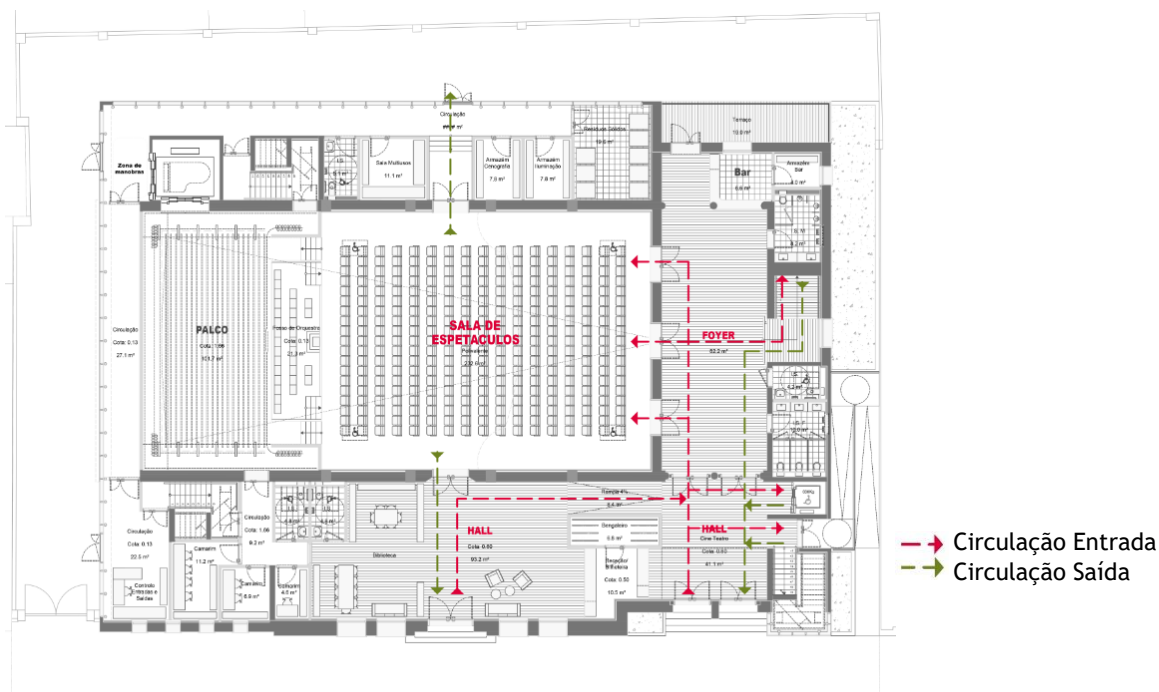


Figura 101 - Esquema de Circulação de entradas e saídas da Sala de Espetáculos

Quanto à restauração, o acesso é realizado pelas escadarias ou elevador que se encontram na extremidade direita do edifício, com acesso a partir do hall. Este acesso é feito até ao piso 2 numa pré zona da restauração (zona de espera/estar). Após se entrar na zona de restauração dita de bar, existe o acesso à zona de refeições através de uma escada que tem duplo acesso. Isto acontece com a intenção de tratar estes espaços como um único, uma vez que se trata dum espaço amplo e panorâmico, mas com a possibilidade de fechar a zona superior através de um envidraçado, quando for necessário.

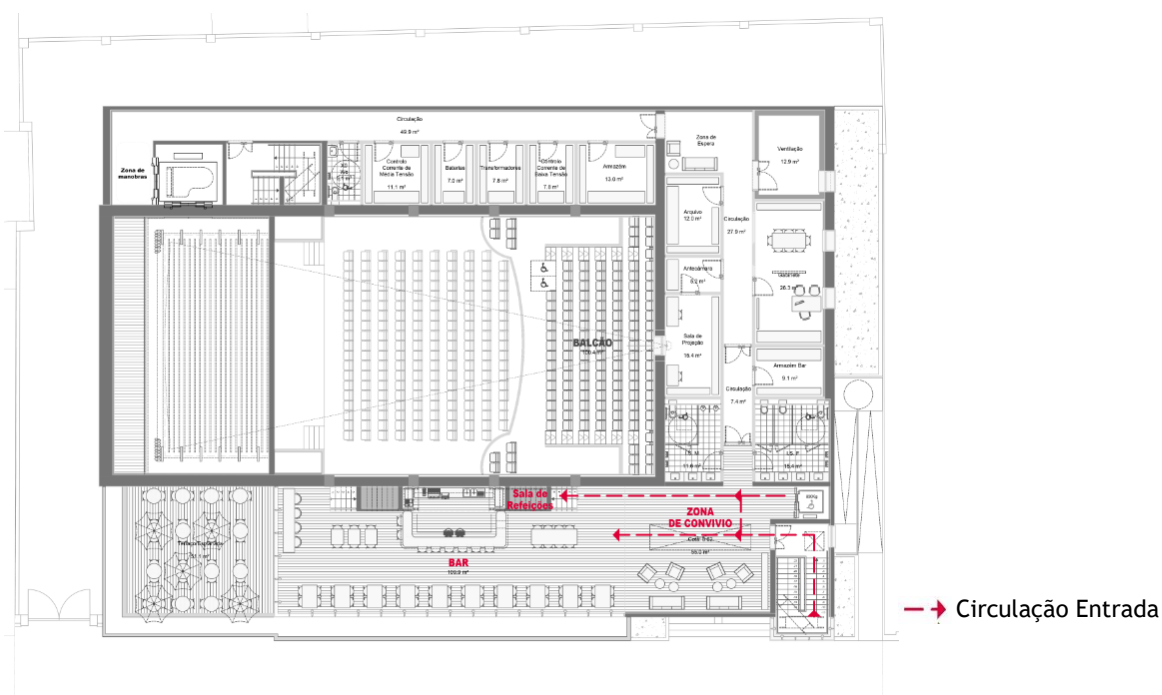


Figura 102 - Esquema de Circulação da Restauração

Todos os espaços do edifício incluem tetos falsos, maioritariamente em gesso cartonado, suspenso por réguas de alumínio, que têm funções de isolamento térmico-acústico e também permitem várias soluções para a iluminação dos espaços, tanto direta como indireta, através de focos, candeeiros, barras luminosas, entre outros. De frisar a possibilidade de incorporar, de forma simples e eficiente, instalações técnicas como cabos elétricos, condutas de ar, canalizações, etc. No entanto, as zonas destinadas à sala de espetáculos/polivalente e restauração incorporam um teto em madeira. Na zona de restauração em formato de ripas.

É ainda utilizada uma estrutura ligeira no volume do último piso, no bloco criado por cima da sala de espetáculos, que permite a utilização de sistemas construtivos mínimos e de espessuras mínimas. Esta solução surge de um exemplo já existente do Museu do *Louvre em Lens*, França, dos arquitetos SANAA.

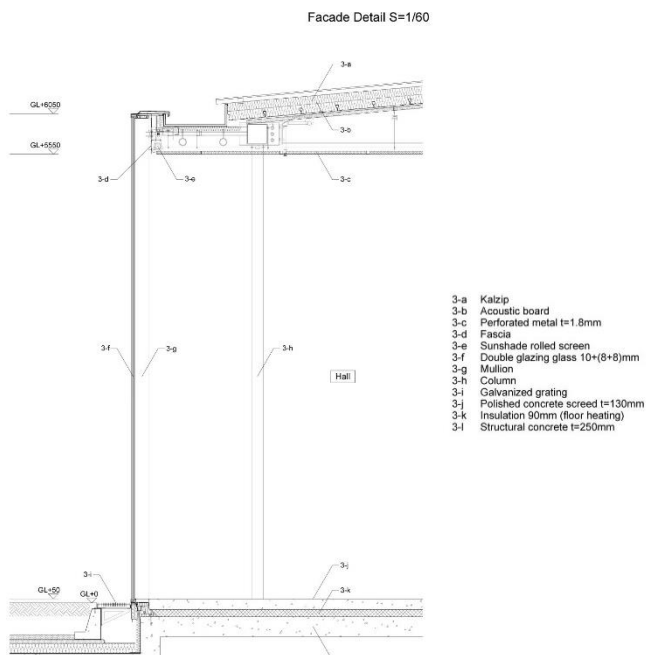


Figura 105 - Pormenor construtivo *Louvre Lens*, França - SANAA

Fonte: flickr. [Online].; 2013 [cited 2018 janeiro 22]. Available from: <https://www.flickr.com/photos/eager/10781156894/in/photostream/>

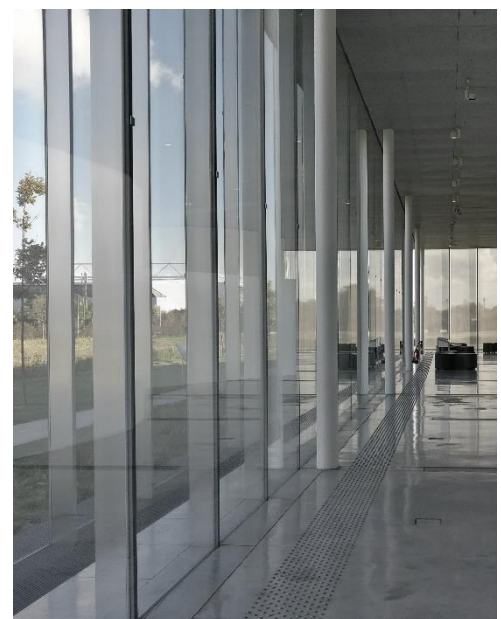


Figura 106 - Vista interior do *Louvre Lens*
Fonte: Próprio autor



Figura 107 - Vista exterior e Pormenores da fachada, respetivamente, do *Louvre Lens*, França
Fonte: Próprio autor

A cobertura é feita por níveis, pois o edifício é constituído por blocos de alturas e dimensões distintas. Esta foi completamente repensada, uma vez que a antiga se encontrava em mau estado, chegando a ruir em algumas zonas do edifício (como já referido). Assim, a cobertura é plena à exceção da zona de restauração que é inclinada, com uma inclinação mínima de 3% para garantir um bom escoamento de águas. Devido às propriedades de durabilidade, flexibilidade e isenção de manutenção, adotou-se placas de zinco para a mesma.

Conclusões

Reabilitar e requalificar o que anteriormente foi um marco na cidade e que agora se considera como um espaço obsoleto foi bastante motivador no desenvolvimento desta dissertação, bem como a ligação que estabeleço com o local que me é familiar.

A análise da história, das causas do abandono deste edifícios e a investigação das possibilidades para a sua revitalização permitiram a elaboração de um programa atual que ao mesmo tempo dote a cidade de equipamentos culturais e traga uma nova dinâmica à mesma.

Foi assim fundamental a análise das potencialidades e limitações de um edifício em degradação, de modo a dar vida a este espaço que outrora foi o centro das atenções da cidade de Alcácer do Sal, sendo crucial que a arquitetura se conjugue com a realidade à qual pertence. Sugere-se assim, uma arquitetura versátil que se adapta, transforma e interaja com o utilizador, para que os espaços que a integram possam adquirir novos usos.

A proposta apresentada de reabilitação do edifício Cine Teatro de Alcácer do Sal procura responder à questão colocada nesta dissertação, de como seria possível elaborar um programa atualizado e adequado à sociedade de hoje para um novo uso dos Cine Teatros. Partindo do pressuposto que se mantém o caráter cultura do equipamento em questão, respondendo às exigências do novo uso sem pôr em causa o património existente.

Foi assim proposta uma reabilitação que se insere no centro urbano, dotando a cidade com um equipamento cultural tão necessário e permitindo uma maior dinâmica numa zona, que não deixando de ser central, um pouco mais esquecida da cidade de Alcácer.

A intervenção proposta teve em conta o caráter original do edifício, a sua preexistência e consequente memória, dando-lhe uma nova vida com elementos mais atuais e contemporâneos sem desvalorizar o património construído, com o objetivo principal de servir de exemplo para o resgate destes tipo de edifícios do abandono, degradação e consequente desaparecimento e esquecimento, transportando-os para os novos usos dos dias que correm.

Referências Bibliográficas

- AAVV. (2008). *De Volta aos Teatros, O Contributo Mecenático da Tabaqueira*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Alcácer do Sal, C. (2015). Obtido em 22 de Maio de 2017, de Geografia: <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/geografia/>
- Alcácer do Sal, C. (2015). Obtido em 22 de Maio de 2017, de História: <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/historia/>
- Alcácer do Sal, C. (2015). Obtido em 22 de Maio de 2017, de Património Arquitetónico Militar: <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio/patrimonio-arquitetonico/patrimonio-arquitetonico-militar/>
- Alcácer do Sal, C. (2015). Obtido em 22 de Maio de 2017, de Património Arquitetónico Religioso: <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio/patrimonio-arquitetonico/patrimonio-arquitetonico-religioso/>
- Alcácer do Sal, C. (2015). Obtido em 22 de Maio de 2017, de Património Arquitetónico Civil: <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio/patrimonio-arquitetonico/patrimonio-arquitetonico-civil/>
- Alcácer do Sal, C. (2015). Obtido em 22 de Maio de 2017, de Património Arquitetónico Civil: <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio/patrimonio-arquitetonico/patrimonio-arquitetonico-civil/>
- Almeida, J. F. (2005). *Breve história da Internet*. Artigo, Universidade do Minho, Sistemas de Informação, Guimarães.
- Amarante, C. M. (2017). Obtido em 17 de outubro de 2017, de Município de Amarante: <http://www.cm-amarante.pt/pt/noticias/apresentada-a-nova-versao-do-projeto-de-requalificacao>
- Arquitettura Tradicional Portuguesa - Projecto de habitação para os magistrados, na vila de Serpa. (1928). Em *A Architectura Portuguesa - revistamensal da arte architectural antiga e moderna* (pp. 37, 38). Lisboa.
- Bandeirinha, J. A. (2010). Perifácio. Em S. C. Silva, *Arquitettura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamento de Cultura e Lazer em Portugal no estado Novo* (p. 7). Coimbra : Almedina.
- Batista, A. I. (2008). *O turismo e a cultura enquanto estratégias de regeneração de centros históricos : o caso de Alcácer do Sal*. Dissertação de Mestrado em Engenharia e Desenvolvimento em Turismo, Universidade de Aveiro, Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Aveiro.
- Batista, J. C. (2012). *A|D : arquitetura dinâmica : capitólio, um paradigma experimental*. Dissertação de mestrado, Univeridade Técnica de Lisboa, Arquitetura, Lisboa.
- Beja, F., Serra, J., Machás, E., & Saldanha, I. (1990). Muitos anos de escolas - Ensino primário [até] 1941. *Ministério da Educação/Direcção-geral de Administração Escolar, 1*.
- Bessa, D. d. (2017). *A revitalização urbana através da acupunctura : o caso do Cine-Teatro de Amarante*. Dicertação de Mestrado, Universidade Lusíada do Porto, Faculdade de Arquitectura e Artes, Porto.
- Brandão, N. G. (2002). *O Espetáculo das Notícias*. Lisboa: Notícias editoriais.
- Brás, A. C. (2011). *Cine-Teatros; Percorrendo a Beira Interior*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Arquitetura, Covilhã.
- Cachinho, H. (1991). *Centros Comerciais em Lisboa. Os novos espaços de consumo*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Caetano, M. (2009). Carta a Ramiro Valarão, Presidente da RTP em 28 de Dezembro de 1970. Em A. A. Carvalho, *A RTP e o serviço público de televisão* (p. 37). Coimbra: Almedina.
- Caetano, M. J. (2014). Obtido em Fevereiro de 2016, de Diário de Notícias: <http://150anos.dn.pt/2014/07/30/1896-a-primeira-sessao-de-cinema/>
- Capitel, A. (2001). 1925-1965: Diversidad urbana de los edificios culturales en el âmbito ibérico. Em S. Landrove, *Cultura:origem e destino do Movimento Moderno, Equipamentos e infra-estruturas culturais, 1925-1965* (p. 138). Porto: DOCOMOMO Ibérico.
- Cardoso, A. F. (2015). *A comunicação do projecto à obra: reabailitação do Cineteatro Capitólio*. Dissertação de Mestrado, Univercidade Lusíada de Lisboa, Arquitetura e Artes, Lisboa.

- Cartaxo, C. (2012). Obtido em 17 de outubro de 2017, de Cartaxo Município: <http://www.cm-cartaxo.pt/Viver/Cultura/EquipCulturais/CentroCultural/Paginas/default.aspx>
- Castells, M. (2005). A sociedade em Rede - Do Conhecimento à Acção Política. *A sociedade em Rede - Do Conhecimento à Acção Política*, (p. 17). Lisboa.
- CVDB, A. (2014). Obtido em 17 de outubro de 2017, de CVDB Arquitetos Associados;: <http://www.cvdbarquitectos.com/centro-cultural-cartaxo2/7mr1zsy0a2rio8tdikf5szcvk51pzo>
- FAUTL. (s.d.). Arquivo da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL). *Processo de alunos da EBAL [Amílcar Pinto]*.
- Fernandes, J. M. (1995). *Cinemas de Portugal*. Lisboa: Inapa.
- Fernandes, J. M. (2003). *Português Suave, Arquitectura do Estado Novo*. Lisboa: Departamento de Estudos-IPPAR e Ministério da Cultura.
- Fernandes, J. M. (2010). Cine-Teatros em Portugal: arquitectura imaginária? Em J. Dietrich, & S. C. Silva, *Cine-Teatros de Portugal* (p. 26). Leiria: Almedina.
- FFULisboa. (2017). Obtido em 30 de Maio de 2017, de Faculdade de Farmacia da Universidade de Lisboa: <http://www.ff.ul.pt/?s=historia>
- França, J.-A. (1992). *Os anos vinte em Portugal*. Lisboa: Presença.
- Freitas, M. P. (2016). *Teatros e cineteatros municipais - uma reflexão sobre políticas, redes e equipamentos*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura, Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE, departamento de História, Lisboa.
- Guerrinha, J. (Junho de 1942). Empresa Cine-Teatro de Gouveia, Limitada. *Notícias de Gouveia, XXVIII*([Anúncio]; "Inauguração do Teatro-Cine, decorreu com maior brilhantismo, tendo-se associado a ela o sr. Dr. Cirne de Castro, ilustre Governador Civil do nosso Distrito").
- IGAC. (1947). Processo do Cine-Teatro de Alcácer do Sal.
- iGEO. (2017). Obtido em 25 de Maio de 2017, de Informação Geográfica: <http://www.igeo.pt/mapviewer/?wmsurl=http://www.igeo.pt/WMS/Cartografia/SC50K>
- Instituto Nacional de estatística, I. (Ed.). (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos*. Lisboa.
- Lusa, A. (2013). Obtido em 17 de 10 de 2017, de Porto Canal: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/2755>
- Marcelo, A. S. (2001). *Internet e novas formas de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Ciências da Comunicação, Covilhã.
- Noras, J. R. (2011). *Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume II*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História de Arte, Coimbra.
- Noras, J. R. (2011). *Amílcar Pinto: Um Arquitecto Português do Século XX Volume I*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, História da Arte, Coimbra.
- Oliveira, D. R. (2013). *Projecto de reconversão de um Cine-Teatro em equipamento hoteleiro para a cidade de Mangualde*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Arquitectura, Covilhã.
- Pato, G. O. (2013). *Biodiversidade em ambiente urbano - A cidade de Alcácer do Sal*. Edição de Autor.
- Pedreirinho, J. M. (1994). *Dicionário dos Arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Pinheiro, M., & Vaz, M. J. (2009). Lisboa entre a Regeneração e a República: saberes, profissões e desafios. *Histórias e Sociedade*, 9(Polteia), pp. 84-85.
- Pinto, A. (1940). Memória descritiva para a construção de um edifício destinado a Cinema e Teatro em Almeirim.
- Pinto, A. (1942). Memória descritiva para construção de Teatro Cine em Gouveia.
- Pinto, A. (1947). Memória descritiva e justificativa - Projecto para o Teatro-Cine de Alcácer do Sal.
- Potter, R. (2001). Os Ingleses e o lazer. Em A. Corbin, *-história dos tempos livres* (p. 21). Lisboa: Teorema.
- Project d'habitation pour un magistrat de la ville de Serpa - M. Amílcar Pinto. (1929). Em *Comment construire sa maison* (p. 29). Paris.
- Projecto de casa de habitação para magistrados, na vila de Serpa. (1929). Em *A Casa - revista mensal ilustrada de engenharia, arquitectura e arte decorativa* (p. 26). Rio de Janeiro.

- Rocha, M. L. (2016). *Viver Alcácer do Sal - Espaço Público, Frente Ribeirinha, Lazer*. Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa, Arquitetura, Lisboa.
- Ruivo, C. (2001). Obtido em 13 de Junho de 2017, de César Ruivo Arquitectos : <http://cesarruivoarquitectos.pt/projectos/equipamentos/detalhes.aspx?id=204>
- Salgueiro, T. B. (1989). Novas formas de comércio. XXIV(Finisterra), pp. 151-152.
- Salgueiro, T. B. (1989). Novas Formas de Comércio. XXIV(Finisterra), 154.
- Salgueiro, T. B. (1989). Novas Formas de Comércio. Em M. B. Schoumaker, *Evolution recente de la distribution en shopping centers* (p. 153). Lisboa: Finisterra.
- Salgueiro, T. B. (1997). Lisboa, Metrópole policêntrica e fragmentada. XXXII(Finisterra), pp. 179-190.
- Santos, R. (1998). *Os Novos Media e o Espaço Público*. Lisboa: Gradiva.
- Santos, R. (2007). *Indústrias Culturais, Imagens, Valores e Consumos*. (E. 70, Ed.) Lisboa.
- Seabra, J. (2016). *O Cinema no discurso do Poder*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Silva, A. S. (2007). Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 54, pp. 11-33.
- Silva, S. C. (2010). Arquitectura de Cine-Teatros, as Beiras e Keil. Em J. A. Bandeirinha, *Keil de Amaral - Obras de arquitectura na Beira* (p. 34). Lisboa: Argumentum.
- Silva, S. C. (2010). *Arquitectura de Cine-Teatros: Evolução e Registo [1927-1959] Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo*. Coimbra: Almedina.
- Silva, S. P. (2010). Arquitectura de Cine-Teatros, as Beiras e Keil. Em J. A. Bandeirinha, *Keil do Amaral - Obras de Arquitectura na Beira* (p. 24). Lisboa: Argumentum.
- Sobral, F. A. (janeiro/junho de 2012). Televisão em Contexto Português: Uma abordagem histórica e prospetiva. 42(Millennium), p. 145.
- Sousa, A. R. (2013). *Teatros Municipais e o envolvimento da comunidade local nos seus programas*. Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Artes e Design, Leiria.
- Teixeira, M. C. (1993). *A história urbana em Portugal. Desenvolvimentos recentes*. Lisboa: Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Tietz, J. (1998). *História da Arquitetura do século XX* (Könemann Verlagsgesellschaft mbH ed.). Colónia.
- Torgal, L. R. (2000). *O cinema sob o olhar de Salazar*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Torres, E. C. (2011). *A televisão e o serviço público*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Tostões, A. C. (2008). Arquitectura Portuguesa do século XX. Em P. Pereira, *História da Arte Portuguesa* (2ª ed., Vol. 10, p. 20). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Tostões, A. d. (2003). Arquitectura Portuguesa do Século XX. 2º Congresso da Ordem dos Arquitectos, (pp. 17-25). Guimarães.
- Vidalmobiliária. (2017). Obtido em 20 de Junho de 2017, de Prémio Nacional de Reabilitação Urbana: <http://www.premio.vidaimobiliaria.com/candidatura/reabilita%C3%A7%C3%A3o-do-cine-teatro-capit%C3%B3lio-lisboa>
- Vieira, D. M. (2016). *Habitar Alcácer do Sal: A outra margem*. Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa, Arquitetura, Lisboa.
- Vieira, R. F. (2015). *Programação de Teatros Municipais. Três estudos de caso no distrito de Aveiro: Cineteatro Alba, Cineteatro de Estarreja e Centro Cultural de Ílhavo*. Trabalho de Projecto de Mestrado em Práticas Culturais para Municípios, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- Zumthor, P. (2009). *Pensar a Arquitectura* (2ª edição ampliada ed.). Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Anexos

Existente

- Plantas

Folha 1: Planta de Situação - 1:1000

Folha 2: Planta Piso 00 - 1:200

Folha 3: Planta Piso 01 - 1:200

Folha 4: Planta Piso 02 - 1:200

Folha 5: Planta Cobertura - 1:200

- Cortes:

Folha 6: Cortes A-A' e B-B' - 1:200

- Alçados

Folha 7: Alçados Principal e Poente - 1:200

Folha 8: Alçados Tardoz e Nascente - 1:200

Proposta: Peças Reduzidas

- Plantas

Folha 9: Planta de Implantação - 1:500

Folha 10: Planta Piso 00 - 1:200

Folha 11: Planta Piso 01 - 1:200

Folha 12: Planta Piso 02 - 1:200

Folha 13: Planta Piso 03 - 1:200

Folha 14: Planta Cobertura - 1:200

- Cortes

Folha 15: Cortes Longitudinais A-A' e C-C' - 1:200

Folha 16: Corte Transversal B-B' - 1:200

- Alçados

Folha 17: Alçados Principal e Poente - 1:200

Folha 18: Alçados Tardoz e Nascente - 1:200

Desenhos de Conceção

- Plantas

Folha 19: Planta Piso 00 - 1:100

Folha 20: Planta Piso 01 - 1:100

Folha 21: Planta Piso 02 - 1:100

Folha 22: Planta Piso 03 - 1:100

- Cortes

Folha 23: Cortes B-B' e C-C' - 1:100

Pormenores

Folha 24: Corte Construtivo A-A' - 1:50

Folha 25: Detalhes Construtivos - 1:20

Vermelhos e Amarelos

Folha 26: Plantas/Cortes/Alçados - 1:200